



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**



**IMPACTOS CONTEMPORÂNEOS DA DESTERRITORIALIZAÇÃO  
EM  
*AS MULHERES DE TIJUCO PAPO E ALGUM LUGAR***

**JOSÉ RIBAMAR ELIZIÁRIO FILHO**

**MANAUS-AM**

**2015**

**JOSÉ RIBAMAR ELIZIÁRIO FILHO**

**IMPACTOS CONTEMPORÂNEOS DA DESTERRITORIZAÇÃO  
EM  
*AS MULHERES DE TIJUCO PAPO E ALGUM LUGAR***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientação:  
Prof. Dr. Gabriel Arcanjo Santos Albuquerque

**MANAUS-AM**

**2015**

**JOSÉ RIBAMAR ELIZIÁRIO FILHO**

**IMPACTOS CONTEMPORÂNEOS DA DESTERRITORIALIZAÇÃO  
EM  
*AS MULHERES DE TIJUCOPAPO E ALGUM LUGAR***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Amazonas, como parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

**Aprovado em 07 de agosto de 2015**

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Gabriel Arcanjo Albuquerque dos Santos**  
**Orientador – PPGL**  
**Universidade Federal do Amazonas**

**Profa. Dra. Nícia Petreceli Zucolo**  
**Membro PPGL**  
**Universidade Federal do Amazonas**

**Profa. Dra. Ana Amélia Guerra**  
**Examinador - PPGS**  
**Universidade Federal do Amazonas**

**MANAUS-AM**

**2015**

## RESUMO

Viagem é o tema abordado pelos romances contemporâneos "As Mulheres de Tijucoapapo" e "Algum lugar" em que o primeiro desenvolve uma perspectiva voltada para o deslocamento entre regiões dentro do Brasil enquanto o segundo trata de um movimento migratório que ultrapassa as fronteiras nacionais. Ao destacar as condições existenciais com que os personagens se deparam, as duas obras literárias cuidam desse fluxo entre espaços territoriais, cujos desdobramentos estabelecem limite importante com a realidade contemporânea em relação às instabilidades emocionais e afetivas que incidem sobre o sujeito e as contingências que o envolvem, considerando-se as incidências políticas, sociais e culturais. A partir do tema abordado se estabelece diálogo com o conceito de desterritorialização, formulado por Deleuze e Guattari, que se aplica como suporte teórico à presente dissertação.

**Palavras-chave:** 1. Viagem 2. Romances 3. Contemporâneos 4. Desterritorialização

## ABSTRACT

Travel is the topic addressed by contemporary novels "Women of Tijuapapo" and "Somewhere" in the first develops a targeted approach for moving between regions within Brazil while the second is a migratory movement that transcends national borders. Both of those literary works take care of that flow between territorial spaces, highlighting the existential condition that the characters face, whose developments establish important limits to contemporary reality in relation to emotional and affective instability that focus on the subject and contingencies that involve from political, social and cultural implications. From the issue addressed is established dialogue with the concept of deterritorialization, formulated by Deleuze and Guattari, which applies as theoretical support to this thesis.

**Keywords:** 1. Travel 2. Novels 3. Contemporary 4. Deterritorialization.

## **DEDICATÓRIA**

À memória de meu pai, José Eliziário, que ousou empreender a viagem mais marcante da qual até hoje restam lembrança e orgulho profundos.

Aos viajantes de quem aprendi a admiração e o respeito pelas destemidas aventuras realizadas em diferentes momentos e lugares ao longo da história humana.

À Socorro Eliziário, cujo companheirismo foi indispensável nutriente ao longo dessa caminhada orientada pelo e para o conhecimento.

Aos meus filhos Luiz e Nalu, testemunhas e parceiros, que contribuíram com afeto e questionamento durante essa significativa travessia.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, Guia de todas as viagens.

Aos familiares que sempre fortaleceram, em momentos de desânimo e cansaço, essa trajetória por meio de incentivos e expectativas sem medidas.

Aos professores, homens e mulheres, que asseguraram com dedicação e generosidade escalas, atalhos e desvios entre os princípios da instrução e a fonte segura do conhecimento.

Aos colegas de turma e funcionários da Instituição (UFAM) que contribuíram direta e indiretamente para firmar, no cotidiano enviesado, o deslocamento entre os pontos de saída e chegada.

Enfim todas as menções e lembranças conferem, por meio da gratidão e do reconhecimento, a ideia de solidariedade e parceria que garantiram o fortalecimento e a sustentação das iniciativas aplicadas ao longo de tão intensa viagem.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>1 A VIAGEM, A FICÇÃO E O OLHAR FEMININO .....</b>	<b>12</b>
1.1 Transgressões literárias e a viagem contemporânea .....	29
1.2 Desterritorialização: aspectos estéticos e políticos de uma revolução .....	37
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>2 A LITERATURA E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO .....</b>	<b>49</b>
2.1 Os aspectos identitários na ficção contemporânea .....	54
2.2 Fator de identidade entre a manifestação e o silêncio .....	59
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>3 FICÇÃO CONTEMPORÂNEA E MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS .....</b>	<b>64</b>
3.1 O sujeito em trânsito entre intolerâncias e ameaças .....	69
3.2 Flagrantes de inconformismo do sujeito contemporâneo .....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>89</b>

## INTRODUÇÃO

A estrutura da presente dissertação articula elementos formais e informais porque compreende o resultado da minha formação acadêmica e profissional aliado às experiências cotidianas, cuja elaboração apresenta o componente nordestino de minha origem, que impele à migração em razão de dificuldades econômicas e sociais, enquanto o exercício acadêmico e profissional destaca a condição particular de professor de literatura, cujas experiências de ofício implicam refletir acerca de aspectos social, político e cultural, considerando o sujeito e as contingências pelas quais é envolvido.

As particularidades da realidade sociocultural brasileira sempre despertam observações e sentidos que mobilizam o meu interesse voltado para o questionamento e a reflexão vinculados às estruturas literárias. Em busca de melhor aproveitamento e maior aprofundamento a respeito da literatura contemporânea, ingressei no programa de mestrado onde assumi as condições objetivas adequadas para estruturar a pesquisa que ora se efetiva, a partir de observações e considerações sobre o sujeito ante as circunstâncias de interação processadas em determinado espaço geográfico, observando o momento histórico no qual está inserido.

A intenção aliada à iniciativa de ampliar e intensificar o conhecimento literário sobre obras de autoria contemporânea, considerando a perspectiva e o debate proposto por elas, viabilizaram a pesquisa a partir dos romances *As mulheres de Tijucopapo* e *Algum lugar* - respectivamente das autoras Marilene Felinto e Paloma Vidal - base para a articulação e o desenvolvimento da presente dissertação, que investe em discussões e reflexões sobre o tema da viagem e os desdobramentos daí derivados.

Os deslocamentos humanos envolvem aspectos relativos à diversidade e à alteridade, assim como deflagram e potencializam discussões em torno do sujeito e do espaço territorial num processo de interações e intensidades, a partir do que se estabelece diálogo com a abordagem teórica da desterritorialização formulada por Deleuze e Guattari.

Os pressupostos da desterritorialização também dialogam com a perspectiva revolucionária e transgressora que a linguagem assume como dimensão estética, abrangendo aspectos da atualização em torno de ideias que abordam os fluxos migratórios, nos quais sujeito e território tomam parte, destacando o processo de agenciamentos que concorrem para realçar a criatividade, revigorando a noção de contínua mudança aplicada para superar eventuais paralisias no contexto ficcional pós-moderno.

A capacidade de questionamento, como expressão da subjetividade, incide sobre a ficção e imprime feição de consistente aproveitamento da consciência crítica que os personagens passam a propor. A produção ficcional do romance contemporâneo evidencia um perfil que, em larga medida, é ilustrado pelo desempenho das narradoras-protagonistas dos romances *As mulheres de Tijucoapapo* e *Algum lugar*.

Marilene Felinto e Paloma Vidal são escritoras com uma fortuna crítica de destaque já bastante razoável, embora ainda em processo de consolidação no meio acadêmico e no âmbito da pesquisa científica. As análises e reflexões promovidas a partir de *As mulheres de Tijucoapapo* e *Algum lugar* buscaram suporte teórico no conceito de desterritorialização, perspectiva de amplo valor filosófico, desenvolvida por Deleuze e Guattari, que bem ampara a dimensão estético-literária apresentada pelos romances, cujas siglas *MT* (*As mulheres de Tijucoapapo*) e *AL* (*Algum lugar*), a partir de agora, serão eventualmente utilizadas para agilizar a referência em relação às obras, corpus da presente pesquisa.

As perspectivas da permanência, do enraizamento e da estabilidade têm tido prevalência no tratamento dos estudos em torno da história humana, isto é, a relação dos sujeitos entre si, e destes com o meio no qual convivem. Abordagem predominantemente sedentária caracterizou as descrições da História como se relegasse a um plano secundário as instâncias da mobilidade e da flexibilidade, pois só contemporaneamente estas têm sido consideradas para a formulação de teorias e conceitos em que a "Nomadologia" se insere para discutir determinações vistas, a partir de então, com naturalidade porque resultam de práticas recorrentes.

As observações e reflexões traduzem iniciativas e comportamentos que se estendem ao longo da dimensão geográfica, cujas repercussões interagem com atitudes e experiências históricas de viés igualmente "rizomático". Desta forma refazem-se as considerações que a partir daí adotam novos elementos conceituais para orientar as percepções em torno do caráter dinâmico e inclusivo que o panorama global invoca.

Refutam-se as evidências e as lógicas, que se banalizaram pelas repetidas práticas de uma concepção hegemônica e linear. É preciso, agora, converter os pressupostos da linearidade e da logicidade em efeitos da convivência e experiência cotidianas em que se destacam angústias, fragilidades e medos num tom de concretude e incompletude extensivos à realidade mais ordinária, onde sujeitos inseridos no espaço geográfico interagem num panorama existencial de complexa configuração.

Além de um gesto corajoso, viver é um desempenho artístico que se exerce e se exercita, aprende-se a partir de empenho contínuo e frequente numa prática cotidiana. A

existência se realiza a partir de um comportamento interativo, transversal em que as trocas infinitas nutrem e são nutridas por meio de valores e gestos que caracterizam a instância humana no que há de complexo e sublime em seu conteúdo. Assim:

Deleuze e Guattari convidam para um profundo exercício de coragem e enfrentamento do que seja viver e existir, bem como uma vida que seja atravessada por experimentos diversos na imanência da vida. Viver é criar, é expandir, é afirmar, é exercício plástico. Então, a vida deve ser vista como uma espécie de teatro em que se aprende efetivamente o caráter criacionista da produção da subjetividade. Nesse teatro multifacetado e criador, o corpo constrói para si outros modos de existências. Esse corpo não tem receio de devorar e de exercitar a devoração, ele não se permite mais ser organizado nas estruturas encaixotantes e fixadoras, ele transversaliza outros corpos, outros sentidos. Há encontros e movimentos com o outro, com a alteridade. (BRITO, 2012, p. 10).

A teoria da desterritorialização é um enfrentamento revolucionário, cujo componente mais eficaz é a noção de pluralidade, multiplicidade que experimenta amplitude, redimensionamento, transgressão de regras e fortalecimento da condição de subjetividade perpassada pela dinâmica de um processo em execução, operacionalização do movimento, da flexibilidade sem controle, sem limite nem isolamento.

A subjetividade inibida, acanhada, retrai os procedimentos libertários, delimita a ousadia dos embates. Deleuze e Guattari promovem o enfoque destemido da recriação, defendem a proposta da criatividade e da libertação por meio da subversão contra a hegemonia.

A viagem, destacada neste plano literário contemplado pelas obras de Marilene Felinto e Paloma Vidal, reflete firme iniciativa situada entre a sensibilidade e a serenidade com que o olhar feminino se lança sobre delicadas e rigorosas questões da contemporaneidade. O primeiro capítulo da presente dissertação introduz as obras literárias, ilustrando o caráter de transgressão e inovação que delas emana, tanto em relação ao conteúdo quanto em relação à forma, sendo notória essa busca de atualização estética através de recursos que se manifestam em tons distintos.

Ainda que o compasso de aceleração e urgência seja um destaque quanto à elaboração do enredo em *As mulheres de Tijucoapo*, é o viés de descontinuidade da narrativa, sublinhado por recorrentes rupturas, que exige do leitor um comportamento de atenção e zelo para a efetiva qualidade da leitura. Em *Algum lugar* o foco narrativo, disposto em primeira, segunda e terceira pessoas, corresponde a um mecanismo de inovação em que a matéria ficcional potencializa a sua dimensão estética.

O conteúdo de ambas as obras inclui a viagem como tema e considera experiências e convivências em torno da alteridade e da diversidade no contexto contemporâneo. Então se reafirma valor ao quadro que reconhece a feminização nos recentes procedimentos literários como mecanismo para intervir na hegemonia masculina em vigor, destacando comportamentos e sentimentos que se observam na realidade globalizada. Questionamentos e reflexões quanto à escritura, consideram práticas de um sujeito desconfortavelmente inserido em um ambiente marcado por conflitos e confrontos, revelando flagrantes dificuldades para acolher a diferença e exercitar a tolerância.

O segundo capítulo destaca aspectos relacionados aos processos de identificação, registrando e discutindo as repercussões dos deslocamentos e sua natureza fluida, em relação às identidades no panorama contemporâneo. Aqui se reafirmam as perspectivas material e existencial, que invocam componentes internos e externos para reiterar a condição psicológica e afetiva do sujeito, cujos vínculos não são permanentes nem definitivos, realçando flexibilidade e instabilidade condizentes com o perfil que a pós-modernidade propõe.

O caráter volátil de tais vínculos sugere evolução e mudanças compatíveis com as constantes e regulares intervenções de natureza política, social e afetiva quanto às circunstâncias que envolvem o sujeito. Assim é que as noções de permanência e resistência são questionadas para abrigar a ideia de processos de identificação que cuidadosamente se aplica às contingências contemporâneas na perspectiva de rever um conceito de identidade a partir de parâmetros menos rígidos.

Entre os componentes da identidade, a língua é referência de valor distinto para traduzir o conteúdo cultural inerente ao sujeito, a partir do qual ele (sujeito) se reconhece e adquire boas possibilidades para os questionamentos em relação ao próprio comportamento, dos demais indivíduos e de todo um sistema coletivo.

O terceiro capítulo contempla observações e discussões em torno da história dos deslocamentos, concentrando informações acerca do rigor que, em geral, o processo migratório representa para o sujeito contemporâneo. O histórico dos movimentos migratórios revela que o sujeito sempre se dispôs a essa condição de trânsito, realidade assumida quase sempre em função de necessidades materiais e menos por uma disposição de caráter interior.

Contemporaneamente há fatores que indicam mudanças na configuração desses movimentos, orientando para uma dimensão na qual o desafio de transpor limites territoriais e limitações existenciais inclui-se como iniciativa determinante para a conquista e a superação, sem desconsiderar que, em boa medida, a motivação relativa aos deslocamentos contemporâneos ainda se filiam a circunstâncias de natureza política e social.

## CAPÍTULO I

### 1 A VIAGEM, A FICÇÃO E O OLHAR FEMININO

A viagem é o tema que se destaca como base da presente dissertação, potencializando as condições que orientam os fluxos migratórios. As investigações em torno do tema buscam propor reflexões e discussões sobre diferentes aspectos que afetam o status de sujeito inserido no contexto contemporâneo. Passado e presente, mitologia e história concorrem para a estruturação de uma consciência da qual a literatura, como dimensão estética e política, não pode prescindir porque seria renunciar ao sentido que faz mover a matéria e o argumento ficcionais.

Felinto e Vidal tomam assento nesse contexto onde põem à disposição as suas contribuições, habilidades e consciências para assimilar essa realidade em andamento. Espécie de intromissão no curso da hegemonia masculina, o âmbito da produção literária contemporânea confere significado revelador, propondo viés de atualização e abertura consequentes porque sintonizado com uma mentalidade que se flexibiliza para abrigar o de fora, o que está à margem, envolto pelas intensidades da desterritorialização.

Sem negar reconhecimento à contribuição de inúmeras escritoras brasileiras desde tempos imemoriais, o recente contexto literário, sublinhado por produções de autoria feminina, inclui MT e AL no conjunto de obras literárias que integram a produção contemporânea, saudando a qualidade que apresentam. Constatar sensível e pertinente avanço no âmbito da literatura brasileira, não se trata de distinguir entre as produções masculina e feminina, mas confere o devido o esforço criativo aplicado em torno da discussão e reflexão de aspectos políticos, sociais e culturais que tais obras literárias promovem.

A produção literária de escritoras brasileiras contemporâneas, especialmente a ficção e a poesia, a partir da década de 70, tem construído um espaço literário de onde as vozes femininas se fazem ouvir. Essas vozes emergem da própria mulher e criam uma nova identidade para o corpo feminino, definindo uma nova sexualidade e um novo gesto. A produção literária da mulher brasileira surgiu na contramão de um discurso canônico e antropocêntrico. Padrões e modelos de feminilidade, comportamento, corpo e sexualidade são superados para a construção de uma nova identidade do sujeito feminino. (CRUZ, 2010, p. 5).

Marilene Felinto tece um enredo no qual Rísia, a narradora-protagonista de *As mulheres de Tijucopapo*, decide fugir de São Paulo em direção ao Nordeste brasileiro, após

vivenciar rigorosas experiências de exclusão e preconceito. "Tive de ir-me embora e cá estou, a não sei quantas milhas do caminho que me levará a Tijucopapo." (FELINTO, 1982, p. 22).

Em meio a esse movimento de retorno, ganham corpo as reflexões e discussões acerca das noções de pertencimento e processos de identificação, mas principalmente se sobressai a perspectiva de uma subjetividade em alvoroço, sob os influxos da tensão e do conflito próprios da contemporaneidade. Rísia expõe-se em estado de desamparo porque, de modo contundente, é afetada por sentimentos de rejeição, exclusão e marginalização que a envolvem enquanto, no plano oposto, a ideia de abrigo e acolhimento hipoteticamente se processa nessa "viagem" de volta às raízes.

*Algum lugar* é um romance em cuja dinâmica a escritora Paloma Vidal revela o deslocamento entre Rio de Janeiro - Los Angeles - Rio de Janeiro, propondo que Los Angeles se caracteriza como o espaço da narrativa onde se confirma a condição de imigrante da narradora-personagem. "Ela pensa em escrever um livro e imagina a história de uma viagem de um continente a outro. O livro falaria da invenção de um pertencimento; construiria uma genealogia, atravessando várias cidades, até voltar ao seu ponto de partida." (VIDAL, 2009, p. 112 e 113).

Esse deslocamento possui motivação específica - a realização do doutorado -, porém o sentimento de desconforto e inadaptação em relação ao local de destino consomem sobremaneira a capacidade de produção da narradora-protagonista, impedindo-a de concluir com êxito o seu objetivo, impondo a ela a necessidade de retornar ao Rio de Janeiro, onde novos acontecimentos voltam a marcar-lhe a vida, talvez como possibilidade de um controvertido recomeço.

O início da maternidade e o fim do relacionamento amoroso são ocorrências que situam a trajetória da protagonista anônima de *Algum lugar* nos limites de um panorama a demonstrar, por meio de conflitos e angústias, a instabilidade emocional e o deslocamento material e existencial como traço distintivo da contemporaneidade.

No romance chama a atenção o anonimato dos personagens a indicar o aspecto que orienta para a pluralidade e a abrangência em torno do sujeito, projetado como dimensão frágil e instável que experimenta a insegurança, o medo e a solidão, algo sintomático e revelador ao longo da narrativa.

M viajou numa manhã ensolarada de novembro. Decidiu partir abruptamente. Preciso ir embora, disse dez dias antes, com a certeza de uma decisão refletida por muito tempo. Quanto tempo? Não quis perguntar. (...). Todos os lugares ganham a consistência da lembrança. Entro no apartamento, sento ao pé da cama e choro pela

primeira vez desde nossa chegada à cidade, com um choro sem lágrimas, quase um zumbido, que me faz companhia noite adentro. (VIDAL, 2009, p. 101 e 102).

A ausência de um designador nominal confere amplitude ao sujeito, situando-o na dimensão dispersa da contemporaneidade, isto é, uma referência nessa relação tensa e necessária com o outro em um processo de reconhecimento no qual saltam gestos e comportamentos que flagram as intensidades e as carências. A convivência sublinhada pela oscilação e pelo conflito confirmam a dimensão instável das relações e relacionamentos.

Em *As mulheres de Tijucopapo*, Rísia conduz os acontecimentos, interferindo na fisionomia dos diversos momentos narrativos. Ao longo do texto ficcional, a linguagem é sublinhada por termos regionais recorrentes, assim como pela sintaxe marcada pelas frases curtas enquanto em *Algum lugar*, o destaque fica por conta da narradora-personagem da sofisticada trama elaborada por Paloma Vidal, cujo enredo, embora centrado na protagonista, revoluciona aspectos literários relevantes como o foco narrativo em primeira, segunda e terceira pessoas, além da ausência de identificação nominal dos personagens, dotando-os de um caráter universal.

Conforme acima exemplificado, os parâmetros de criatividade valorizam, distinguem e reafirmam a natureza artística de ambos os romances que se estruturam sob o signo da atualização uma vez que estão inseridos em um panorama impregnado pelos motivos da globalização como fenômeno contemporâneo em curso.

Ao ganhar abordagem contemporânea, por meio dos romances *As mulheres de Tijucopapo* e *Algum lugar*, o tema da viagem consolida o potencial histórico de seu conteúdo, pois desde a antiguidade clássica a referida temática já apresentava sinais consistentes de sua complexidade e importância. A presente pesquisa confirma que as autoras se apropriam do tema e ampliam discussões e reflexões sobre o assunto, realçando componentes como deslocamento, identidade, alteridade e diversidade.

Há um lapso temporal de 27 anos entre as publicações de *As mulheres de Tijucopapo* (1982) e *Algum lugar* (2009), romances que miram o mesmo tema, trazendo à tona reflexos intrínsecos ao contexto contemporâneo. Em ambos os casos, o sujeito lida com as contingências materiais e imateriais que o envolvem, cabendo destacar insegurança, solidão, angústia e discriminação como componentes abstratos que lhe afetam a sensibilidade nesse percurso.

O primeiro romance traz visibilidade à realidade nacional, tratando da migração entre regiões do Brasil. Essa abordagem se estende pelas condições sociais, econômicas e políticas às quais estão vinculados os personagens, sem prejuízo das considerações acerca de aspectos

religiosos, familiares e linguísticos que são introduzidos sob medida para intensificar o valor artístico que a obra reflete como proposta.

A elaboração do texto ficcional de Marilene Felinto investe na linguagem, cujas marcas regionais são reveladoras da origem da protagonista-narradora e de toda a linhagem de mulheres que desfilam na narrativa e representam o relevo e o potencial cultural empenhados ao longo do enredo. Mulheres afetadas pela hegemonia masculina em vigor, subjugadas e submetidas a um cenário de massacre, mas em busca de um comportamento que sirva de recurso para superar obstáculos, apontando para conquistas aparentemente tímidas.

Era a Poti, a vila-lua onde eu nasci e onde nasciam essas mulheres doidas como tia, ou essas pobres mulheres como mamãe, que eram dadas numa noite de luar, por minha avó, uma negra pesada, e que depois seriam mulheres sem mãe, nem irmãos, desgarradas, mulheres tão sem nada, mulheres tão de nada. Era a Poti, e minha mãe era filha adotiva de irmã Lourdes, a mãe de tia. (FELINTO, 1982, p. 47).

A origem e o perfil femininos em destaque demonstram determinação em tomar para si as rédeas de um destino aparentemente instável, sem diretriz, buscando assegurar-lhe firmeza de propósito. As carências e negações confirmam o teor do desafio ao passo que propõem o enfrentamento que as mulheres guerreiras precisam assumir para superar obstáculos e potencializar conquistas.

As ocorrências do enredo tingem-se de pressa a conferir agilidade e urgência à narrativa como marca de um tempo que corre e escorre por entre vias e rodovias. O diálogo entre a ficção e a realidade privilegia o movimento rápido, a ação incisiva de apelo instantâneo, pois não dá pra esperar. É quase um desespero, corrida em busca de algo que se perdeu, se perde ou se perderá caso uma iniciativa não seja pronta e urgentemente tomada, demonstrando decisão e firmeza.

Rísia, a um só tempo, é plenitude e escassez materializada em completo desasossego, inquietude, alvoroço, dinâmica de instabilidade que movimenta o sujeito de um lado para o outro; ao mesmo tempo a personagem se inunda de negação, pela falta de abraço, pela ausência de natal e pela carência de afeto. "Eu vivi muito à sombra da agonia de algumas pessoas. Hoje sou uma agoniada e ninguém me aguenta (*sic*). Sou em estado de porre sem nunca ter bebido." (FELINTO, 1982, p. 33).

Quase três décadas depois, o romance *Algun lugar* de Paloma Vidal, retoma a viagem como tema. Agora a migração se estende para fora das fronteiras nacionais, mas o deslocamento tem um caráter aparentemente voluntário que se contrapõe francamente à

motivação observada no romance *As mulheres de Tijucopapo* de Marilene Felinto, em que as circunstâncias são nitidamente impositivas em função de aspectos políticos e sociais.

Embora as circunstâncias que envolvem os personagens de *AL* sejam, supostamente, contornadas por motivação muito mais de natureza intelectual - a busca pela realização do doutorado -, a condição de sujeito continua vinculada a aspectos nitidamente existenciais como medo, angústia, incerteza e inadaptação, sentimentos idênticos aos que envolvem a condição de sujeito em *MT*. "Você diria que é um imigrante?" (VIDAL, 2009, p. 48).

O deslocamento se estende a um destacado nível de internacionalização, situação que confere possibilidade de interação cultural mais ampla. Assim uma argentina, naturalizada brasileira, viaja do Rio de Janeiro para Los Angeles nos Estados Unidos onde realizará os estudos sobre uma escritora chilena com a finalidade de obter o doutoramento.

O enredo contempla representantes de culturas de outras partes do mundo que estão ali identificados: indianos, equatorianos, chineses, coreanos, argentinos, peruanos, colombianos, entre outras nacionalidades. As condições de convivência e permanência incluem o desconforto e o desafio ante uma cidade que, em função de seu sistema cultural próprio, mais rejeita que acolhe.

À medida que vamos nos aproximando de Downtown, tudo fica menos homogêneo: negros, orientais, árabes, os prédios novos e os antigos, mal preservados, as lojas de departamento e o museu, terrenos baldios, bicicletas e carros. De uma ponta à outra da avenida, as diferenças são evidentes, mas tudo se passa com naturalidade como uma coisa que necessariamente leva à outra. (VIDAL, 2009, p. 22).

Todos os relacionamentos que se estabelecem ao longo da narrativa são afetados por níveis de carência e indefinição. Isto é compreensível quando se identifica que essas são contingências que reiteradamente intervêm na dimensão globalizada do contexto contemporâneo.

Tanto no centro como na periferia do mundo há enormes lacunas que não podem ser sanadas de imediato como a intolerância e a discriminação, por exemplo, mas podem ser observadas por um procedimento de pesquisa e análise, cujo levantamento não soluciona o déficit que se impõe entre o sujeito e o outro. O efeito, que se deflagra a partir das instâncias de diversidade e alteridade, corresponde à discussão que ora a presente dissertação propõe.

Em contraponto ao que ocorre no romance *AL*, literalmente arrancada por forças externas, materializadas pela miséria, pela fome, pela opressão, Rísia é um ser desterritorializado, e por isso vai sofrer arduamente as consequências que atuam sobre sua

condição com tal vigor a sufocar-lhe num processo que envolve deslocamento e confinamento.

Ao redor de Rísia, marginalização, exclusão e isolamento configuram um contexto socialmente perverso, cuja voracidade evidencia discriminação e preconceito como práticas marcantes e recorrentes que intensificam carências materiais e emocionais convertidas em mecanismo eficaz de ofensa e agressão aplicado contra a protagonista de *MT*.

Rísia reage a insultos e humilhações, ataques contra os quais ela resiste e se insurge. A partir de sentimentos como medo, dor, ira e revolta, Rísia protagoniza a revolução mais solitária, deslocando-se em desabalada carreira à margem de vias e rodovias porque não há tempo a perder. Ela empunha missão quase messiânica em busca da salvação das origens, ou melhor, em busca de salvar-se por meio das origens.

Eu vim para cá e o caminho foi árduo. Eu fugi muitas vezes. Fugi como égua que não quer ser presa no curral. Mas fugi também ao me deparar, equina, com a vasta campina diante de meus olhos. Mas lembranças atormentadoras me cutucavam o rabo a me dizer da necessidade de eu fazer o meu próprio caminho. E foi assim que vim por esse caminho árduo e árido. Eu era uma mulher sozinha indo pela estrada. No meu caminho havia babaçus e mocambos. Eu estava a 250 mil milhas e já não aguentava mais. E ainda vinha atormentada pela vontade de voltar ou de parar. E parei diversas vezes. (FELINTO, 1982, p. 145).

Estímulos e tropeços se sucedem na trajetória da protagonista. As fraturas expostas no corpo e na alma evidenciam-lhe o massacre contundente, traduzidos em indiferença e preconceito repetidos, mas é avançando entre dificuldades diversas que as feridas se transformam em cicatrizes reveladoras da marcha insistente e incansável em busca de superar a solidão e o isolamento e construir a oportunidade de inclusão.

Segundo Machado (2009, p. 12) a fragmentação foi tanta que a obrigou a tentar recuperar suas raízes, o porto de sua história, a identidade social e individual no caminho de volta a Tijucoapapo. [...] Rísia vai construindo o seu discurso como um indivíduo em deslocamento, um indivíduo que volta em busca de si, de um indivíduo que se revolta em busca de seu “eu”.

A partir da composição narrativa, Rísia projeta sua consciência em torno da necessidade de pertencimento, de solidariedade e de inclusão afetiva em oposição ao que experimenta por meio da carência, da escassez e da indigência, vestígios excludentes que a espreitam como sombras em plantão permanente.

A consciência das origens inspira memórias e recordações. As experiências, sublinhadas de controvérsias, tornam-se referenciais de transgressão e resistência,

fortalecendo a ideia de plenitude e superação que uma revolução transformadora infunde a partir do simbólico. Ficção e realidade interagem para promover efeitos que mobilizam sensibilidades e afetos.

Eu me sentia só. Eu estava tão sozinha e desprotegida como no dia da minha primeira grave queda. Estava mesmo na solidão de uma queda. Desde o dia que eu deixara São Paulo não pudera falar com ninguém. Só falara comigo mesma. Meu encontro com Lampião só se deu na entrada de Tijucoapó. De repente eu me sentia criando minha própria solidão nessa viagem. (FELINTO, 1982, p. 181 e 182).

Em *As mulheres de Tijucoapó*, as referências simbólicas que unem geografia e história servem para ilustrar o que Felinto pretende refletir, propondo um painel, cuja construção ficcional navega na mesma frequência das teorias e conceitos que instruem a desterritorialização. O pertinente debate enfoca a complexidade em torno dos processos de deslocamento, e conseqüentemente se opera em face das linhas de fuga que o sujeito escolhe, ou por elas é escolhido.

Este é o grande contributo de Felinto para justificar a literatura como mecanismo legitimador da cultura, portanto capaz de interferir nas práticas humanas, desde as mais ordinárias até as mais elaboradas, uma vez que reorienta o viés criativo para traduzir-se em questionamentos, críticas e reflexões, a partir da forma e do conteúdo da matéria ficcional, afetando entendimentos e comportamentos na perspectiva da desterritorialização.

O tema da viagem se sucede, integrando-se ao conteúdo de *MT* como um selo, um emblema que mediatiza a condição de movimento e passagem, o entre-lugar a partir do que Rísia observa sua realidade ancorada na instabilidade, na insegurança, na oscilação que transita entre instâncias delicadas e controversas como a religião, a família, a escola, a infância, a adolescência e a fase adulta quando "Mamãe e papai eram um inferno. Papai traía mamãe com Analices, mamãe era uma coitada, dada, grávida, flácida, apática. Papai era ateu, mamãe era crente. O que viesse deles era infelicidade e morte. Ou então era eu, a doida." (FELINTO, 1982, p. 44).

Ira, dor, revolta e impotência são nuances afetivas que mobilizam o caráter de enfrentamento e superação revelador das atitudes e condutas da protagonista de *As mulheres de Tijucoapó*, reafirmando-se como significativos referenciais da trajetória guiada entre as veredas de uma sociedade que, a partir das próprias fraturas, reflete a condição de dilaceramento do sujeito pós-moderno.

A ideia da viagem, circunscrita às regiões Nordeste e Sudeste, fundamenta o retorno da protagonista Rísia às raízes, porém a determinação e a vontade não são suficientes para

firmarem orientação segura. A determinação da personagem é afetada por angustiante incerteza, indicativo existencial dos conflitos que incidem sobre o sujeito inserido em um contexto de instabilidades políticas e sociais, cujas mazelas mais recorrentes atingem as instâncias psicológicas e afetivas dispostas no contexto contemporâneo.

O estado de permanente atenção e aflição contorna a existência de Rísia cujos sentimentos, eivados de aridez e aspereza, refletem aspectos físicos e geográficos da Região Nordeste do Brasil. Demonstrativos de negação e carência, os sentimentos favorecem as ações adotadas pela protagonista como tradução do vigor aplicado a sua trajetória na qual os desafios são superados pela força insurgente da raiva, da dor e da quase desesperança.

Rísia se move em demonstração vívida e vigorosa, privilegiando o encontro, mas também o desvio; valorizando a centralidade, mas também a margem de um destino que decisivamente a afeta e por ela é terminantemente afetado.

Não suportar o amor é reflexo da falta deste sentimento em sua vida. A crueldade desenvolveu-se como um padrão neurótico de comportamento, uma forma de sobrevivência num espaço sem carinho, sem abraço. Rísia se apegou à “aspereza de alma” como se isto fosse sua própria vida. Ser áspera, até mesmo cruel, com as pessoas, se tornou tão entranhado que Rísia vive a crueldade como se fosse sua própria natureza. (MACHADO, 2014)

A herança mais pródiga de Rísia é a busca deflagrada com insistência e raiva. Está aí sua mais sóbria inclinação a partir do que o romance se converte em aventura e desafio, perseguição de um destino apresentado em fragmentos, ruptura de uma origem que se perdera em meio a um malfadado deslocamento, revelando também a dinâmica e as variantes de uma personalidade inquieta, desassossegada, intranquila, fatigada ante um contexto cuja mobilidade, a um só tempo, se impõe como um jogo especular no qual é possível contemplar a face duplicada de uma conduta e de um desejo.

Ao longo da narrativa, são recorrentes as cenas em que a protagonista se insere em espaços de configurações diferentes, assim como também experimenta a exclusão de tais contextos como Recife, São Paulo e a casa dos pais, locais a partir dos quais a protagonista vivencia experiências de acolhimento e exclusão. Aceitação e rejeição atestam a contraditória dinâmica em que as relações eu/outro; individual/social refletem-se num jogo especular sempre buscando aspectos comparativos nas diversas instâncias em que o sujeito se insere ou tenta se inserir.

Um dia me olhei muito no espelho; estava bronzeada e bonita, mas olhava-me no espelho em busca de algum rastro de como é que as pessoas estavam me vendo,

Nema. Queria ver como estava sendo vista. Eram visões e visagens minhas. (FELINTO, 1982, p. 68).

A projeção da imagem no espelho é insuficiente para precisar ao sujeito o reconhecimento de sua dimensão real. A alteridade é o parâmetro para a interpretação e tradução adequadas dessa imagem, pois o espelho idealiza, promove deformidade indesejada enquanto o outro tende a conferir maior veracidade ao projetar a imagem do sujeito.

Portanto a visão, refletida a partir do espelho, é incompleta, insatisfatória, mas o olhar lançado pelo outro adverte para um perfil menos ilusório. Nessa interação com a alteridade, o sujeito é o resultado da visão que o outro projeta, o que implica não considerar como real a imagem projetada no espelho, pois ela é apenas um reflexo impreciso, um decalque incompleto que não considera o essencial, incluindo virtudes e vícios.

A protagonista de *As mulheres de Tijuapapo*, inserida em um contexto culturalmente multifacetado, profere as iniciais de um processo de fratura vivenciado em dimensão exemplar porque revela as indecisões e inseguranças deflagradas em face da diversidade e da alteridade.

Era a Poti, uma vila-lua onde nasci e onde sei que meu avô foi índio. Às vezes eu me olho no espelho e me digo que venho de índios e negros, gente escura, e me sinto como uma árvore, me sinto raiz, mandioca saindo da terra. Depois me lembro que não sou nada. Que sou uma pessoa com ódio, quase Severina Podre, lunática, enluarada, aluada, em estado de porre sem nunca ter bebido. E bebida me lembra tia. Aí eu me retiro do espelho e sei que sou uma pessoa atacada por lembranças atormentadoras. (FELINTO, 1982, p. 50)

A experiência vivida no espaço em que limites e fronteiras materializam a instabilidade, a oscilação, o desequilíbrio promovido pelas intensidades reativas das pressões culturais projetadas a partir do nativo que repele o estrangeiro, em cuja perspectiva se ilustra a face de intromissão, identificando negativamente o imigrante.

A iniciativa de excluir e rejeitar o outro, excede os limites físicos e materiais para agravar o tecido moral e emocional, cuja constituição abstrata, imaterial, evidencia imprevisibilidades sublinhadas de aflições e fragilidades que revelam intercorrências de natureza afetiva e psicológica.

Rísia move-se entre regiões, ao longo do território brasileiro, em cujo deslocamento os obstáculos materiais e imateriais se somam na perspectiva das duras contradições que, através do caminho, vai experimentando, tropeçando ultrapassando e reelaborando a dor da tragédia humana, transformando-a em superação.

A protagonista de *MT* busca atingir o lado oposto, numa travessia que se estende entre o perigo e a ameaça, em iniciativa franca que suporta sem tolerar, aceita sem admitir, revela sem exhibir. Tal paradoxo resgata corpo e alma que, mesmo assumindo a indignação e a marginalização como emblemas, recusa a passividade e o conformismo como distintivos dessa trajetória.

A revolta de Rísia nutre-se por meio de gritos, ofensas e agressões. A dor de todas as perdas se converte no pleno teor de uma revolução que abrange o espaço, o sujeito e a linguagem, expandindo-se em fúria pela extensão de um panorama envolto pela diversidade. Conforme Vieira (2001, p. 44) em meio à voracidade de Rísia – heroína que abre a cena do ilimitado e do desmedido - encontram-se as fronteiras da origem e da finitude, da vida e da morte, do imigrante e do permanentemente estrangeiro, não importa onde.

Apesar da coincidência de maior destaque entre os romances *MT* e *AL* ser o tema da viagem, o debate que cada uma das obras desenvolve revela nuances bastante peculiares, assegurando singularidades que não conferem nem antagonismos nem plena convergência às abordagens, porém a condição que o sujeito assume em ambas as obras surge marcada pelos fenômenos da globalização, cujas contingências se vinculam ao contexto contemporâneo de onde derivam os desdobramentos e reflexões que as referidas obras literárias bem assimilam.

Os dois romances demonstram aspectos estruturais de conteúdo e forma que regularmente dialogam, mas possuem recursos que os particularizam como o foco narrativo em primeira pessoa, no caso de *MT* enquanto em *AL*, o foco narrativo se desdobra em primeira, segunda e terceira pessoas, consagrando-se em vigoroso mecanismo da arquitetura ficcional deste romance.

Outras particularidades se destacam no processo de construção das obras entre as quais o caráter nacional da viagem no romance *MT* de Marilene Felinto, sendo que Paloma Vidal aborda o caráter internacional da viagem no romance *AL*, o que amplia as observações e reflexões a partir desse romance, sem que isso implique qualquer viés de hierarquia entre as obras. Há de se reconhecer o ritmo que se apresenta de modo distinto em cada obra literária, sendo a narrativa de *MT* mais ágil ao passo que o enredo de *AL* é mais cadenciado.

Aspectos de conteúdo e forma, incidentes no romance *Algum lugar* de Paloma Vidal, demonstram a busca incessante que sublinha a pós-modernidade, constatando que elementos formais e estruturais do romance orientam para condições perseguidas em favor das novas tentativas requeridas pelo fazer ficcional, cuja narrativa projeta argumentos conceituais potencializados na medida em que são desenvolvidos.

Em *Algum lugar*, o caráter gerador de conflitos e aflições é identificado e destacado pelo viés transitório e instável vivenciado pelos personagens, bem como pelo perfil oscilante do foco narrativo variando entre a primeira, a segunda e a terceira pessoas, sendo que a protagonista anônima assume uma posição de quem se desloca, transeunte em fuga, mas ao mesmo tempo confere postura de alguém à procura de um lugar.

Há ênfase na iminente partida e no permanente movimento da narradora-personagem, materializando o deslocamento em direção à alteridade que orienta para o encontro e o desencontro, também para o confronto e o enfrentamento. A simbologia da viagem reitera o status de passante no qual o sujeito, em busca de algo, não fixa diretrizes para um relacionamento duradouro, estável.

De café em café, de banco em banco, de uma árvore no jardim das estátuas a uma tira de sol sobre a grama, passo a tarde nessa peregrinação, sem avançar quase nada na pesquisa. O movimento é o álibi perfeito para a dispersão: cada vez que me levanto e volto a me instalar em outro lugar, tenho que reorganizar o caderno e os livros sobre a mesa ou sobre o colo, procurar o texto que estava lendo, voltar a me concentrar nele, o que às vezes não chega a acontecer e eu posso culpar o barulho, a luminosidade excessiva ou qualquer outro desconforto no espaço novo, mal escolhido. (VIDAL, 2009, p. 58).

O impulso de mobilidade se configura em movimentos miniaturizados que, ainda assim, refletem o caráter de deslocamento e instabilidade, cujo desequilíbrio impede a concentração, a condição adequada para a produção do trabalho científico a demonstrar as contingências caracterizadas pela oscilação. O cotidiano segue sublinhado pela inadaptação, pelo desconforto e pelas incertezas que favorecem a insegurança e a crescente desconfiança quanto à capacidade da protagonista anônima em produzir sua tese de doutorado.

Os sentimentos amorosos assim como as tentativas de amizade são vínculos afetivos que buscam solidificação, mas se pulverizam ante suas próprias inconsistências, o que reproduz e amplia angústias existenciais ilustrativas de circunstâncias do contexto em que os personagens estão inseridos. "Penso que serei sempre uma passante solitária nessa cidade." (VIDAL, 2009, p. 113)

Há marcas evidentes da deriva emocional dos personagens, cuja convivência está por um fio. Um relacionamento amoroso que sofre as influências do contexto - uma cidade que mais rejeita que acolhe - no qual a protagonista anônima e M estão inseridos, fazendo com que o comportamento e os gestos sejam resumidos a "apenas algumas palavras".

O impasse afetivo patenteado não se traduz em mero incômodo de um desgaste momentâneo, mas reflete sintomas claros de um panorama vinculado à contemporaneidade

em que as relações e relacionamentos são exigentes e facilmente se submetem a oscilações e desequilíbrios, chegando mesmo a se dissolverem.

A escritora de *Algun lugar* corrobora com reflexões sobre a insatisfação contida nesse contexto, cujo panorama exhibe as implicações da insegurança vivenciada pelo sujeito ante circunstâncias que promovem o desequilíbrio em relação à alteridade, evidenciando aspectos do deslocamento experimentado em dimensão global, o que reitera o nível de complexidade das convivências e dos relacionamentos na contemporaneidade.

As interações acolhidas pela dimensão afetiva ainda assim experimentam o desencontro e o conflito vez que as contingências contemporâneas estão, de modo recorrente, sendo submetidas à oscilação e à instabilidade que perpassam o sujeito. O contexto de mudanças, vivenciado na perspectiva dos personagens de *Algun lugar*, reflete a intensidade do estranhamento material e existencial que envolve valores e sensibilidades.

Olho-me no espelho: meus peitos estão inchados, as pernas têm veias que formam teias azuis, o umbigo está saliente. O estranhamento que sinto não tem tanto a ver com o estado atual do corpo, mas com a impossibilidade de me lembrar como ele era antes. Sei que não era assim, mas não consigo recuperar na memória uma imagem anterior. É um reconhecimento paradoxal, ligado a uma lembrança vazia. Como é possível comparar sem uma referência? Gostaria de ter coragem de pedir a M algumas precisões, mas tenho medo de comprovar que o estranhamento não é só meu. (VIDAL, 2009, p. 149).

Por ocasião da gravidez da protagonista, o corpo físico, o espelho e as referências afetivas materializam-se na perspectiva da comparação. A alteridade como parâmetro de aceitação e acolhimento mesmo em face das alterações fisionômicas que implicam a diferença. O outro corresponde à busca de confirmação do conhecimento ou reconhecimento, cuja natureza vem sublinhada por intimidades subjetivas, ancoradas na indecisão, no questionamento de cunho psicológico. A miopia da lembrança assume a fragilidade e a inconsistência da memória, refletindo o status de indecisão que provoca a oscilação e o deslocamento do sujeito inserido no contexto contemporâneo.

As discussões e reflexões literárias, acerca da realidade contemporânea, imprimem a marca de uma consciência, que abriga e projeta um diálogo com as mais recentes nuances de mudanças no cenário da sociedade globalizada. Daí derivam discussões e revisões que incluem a multiplicidade étnica e a compressão espaço-temporal, entre outros sintomas da pós-modernidade, realçando o caráter multifacetado do panorama global.

Aliada à redução de limites e fronteiras, a ampliação em favor da mobilidade destaca percursos que se orientam em várias direções e geram inequívoco potencial de encontros e

rejeições, assim como evidenciam a assimetria que prevalece nas relações e relacionamentos como exercício de liberdade e demonstração de instabilidade ante o desafio proposto pela heterogeneidade pós-moderna.

Quem é Luci? Não sei mais sobre ela do que sobre a moça oriental comendo concentradamente seu potinho de arroz ao meu lado. Sinto-me tão capaz de ter uma intimidade com ela quanto com essa moça. É como se tivesse acabado de conhecê-la. Não, é maior a distância, porque com essa moça tudo é ainda uma possibilidade, aberta, incerta, e com Luci me sinto rodando em círculos. (...). Não farei isso. Não porque não acredite no acaso dos encontros, mas porque simplesmente não há disposição. Sinto-me sem disposição alguma para começar uma história com alguém. (VIDAL, 2009, p. 80).

O contexto de negação sugerido, que envolve as estruturas do romance de Vidal, informa-nos a respeito de um reconhecimento consistente quanto à obscuridade que envolve a pós-modernidade no que há de significativo e simbólico em torno das recentes condições de convivência, cujas manifestações refletem carências vigorosas traduzidas em sentimentos e sensações limítrofes de solidão, medo e insegurança.

*Algum lugar* é um romance cuja temática também revela a angústia e o conflito de vivenciar um mundo no qual a sensação de deslocamento e não pertencimento repercute insatisfação e desesperança que afetam a subjetividade em seus níveis existenciais mais profundos. Em qualquer lugar esse status de incongruência e desamparo desperta pronunciamento eloquente que reverbera para além das fronteiras mais pontuais da territorialidade.

As intensidades que atingem a disposição dos afetos e sensibilidades resultam de contingências existenciais contemporâneas. As convivências manifestam tons de ruptura e dilaceramento, comprometendo o desempenho de atos e gestos comunicativos. A linguagem, referencial de apreço e deferência no reconhecimento à alteridade, é flagrada por manifesta inabilidade nessa prática de construir o vínculo por meio da ação de dizer.

O pronunciamento sufocado, oprimido, implica assumir a gagueira e a mudez ante tantos anseios e desejos, transparecendo a impotência que o sujeito contemporâneo experimenta quando a omissão admitida se converte em desprezo e indiferença, configurando o impasse, o vácuo que anula a capacidade de agir e reagir.

Não sei o que dizer. Gaguejo. As palavras me faltam. Não sei que termos usar para explicar minha desorientação. Todas as minhas falhas nessa língua que nunca foi inteiramente minha aparecem para jogar contra mim, para me passar a perna e me deixar desamparada diante dela. Culpo a língua sem ter certeza que é disso que se trata. Saber em português o que dizer a ela? Saber como organizar minhas ideias diante dessa moça, que eu achava ter conquistado e que agora me parece de novo

uma estranha? (...). Houve momentos, houve encontros, mas não consigo completar as frases. Eu quis, com certeza, que fôssemos amigas, mas o que é a amizade? (VIDAL, 2009, p. 120).

Assim se aplicam novos requisitos e princípios de avaliação para noções supostamente cristalizadas. A singularidade que norteia a obra de Vidal não é a aventura, a ação em sentido pirotécnico. É a dimensão solitária e impotente que a condição de sujeito assume, garantindo reflexão em torno de obstáculos existenciais imperativos a impedirem o exercício da solidariedade, "explicando" sobre a indiferença, a intolerância e a inquietude de um ser que não se reconhece, não se adapta. Por isso sofre uma dor paradoxalmente silenciosa e eloquente, abrigada em escaninhos invisíveis da subjetividade como réplica da própria impotência.

A sensação de solidão e desamparo corresponde ao dilaceramento a que as noções de solidariedade e acolhimento são submetidas. O investimento que busca interpretar, fortalecer e consolidar os laços afetivos são frustrados ante iniciativas inexplicáveis, incompreensíveis porque aparentemente banais e, por isso mesmo, profundamente absurdas.

Comportamentos e gestos visivelmente contraditórios chocam e surpreendem o sujeito já envolto em contingências que desestimulam a perspectiva do encontro, da interação, resultando em completa desilusão e decepção quanto às possibilidades de progredir nos relacionamentos e nas relações.

Vou dizer isso a Luci, mas quando me viro, ela não está mais ali. Foi embora. Deixou-me sozinha com minhas reflexões que de um instante para o outro parecem não fazer mais qualquer sentido. Sobre a bolsa onde leváramos nosso lanche, uma nota escrita no verso do folder do cemitério: *Tuve que irme. Después te explico.* Fico estática com o folder na mão, vendo a atriz se preparar para o seu último close-up e pensando em como vou fazer para voltar para casa." (VIDAL, 2009, p. 75).

A indefinição do título de *Algum lugar* se estende para ilustrar a transitoriedade e a fluidez, evidenciando a instabilidade de que sujeito e espaço estão impregnados. Assim a autora demonstra a condição movente dos personagens que, além de materializar o fluxo contínuo característico da contemporaneidade, reflete também o aspecto fluido dos relacionamentos, as lacunas, os vácuos e espaços de carências como fendas existenciais.

Encontros e desencontros reincidem, por meio de atitudes e ações, cujos sistemas culturais enfatizam a dinâmica imposta pela globalização como exemplo das condições de interação que agem sobre as convivências no plano da pós-modernidade. A insegurança e a solidão projetam sentidos que permeiam os espaços e se refletem em comportamentos individuais fragmentados a revelar a fratura humana e social que afeta pessoas e lugares,

configurando esse estado de inconstância e inconsistência flagrado pelas intercorrências mais recentemente vivenciadas no cenário contemporâneo.

A viagem até Los Angeles logo demonstrará à protagonista anônima de *AL* que as condições de abrigo e acolhimento nesse espaço territorial se repartirá em desafios, explicitando a condição de instabilidade que envolve o sujeito contemporâneo. O aeroporto, a universidade, a casa para locação, as ruas da cidade e os demais espaços em que a protagonista anônima busca se inserir reafirmam a anulação da alteridade como se o outro, o estrangeiro, o diferente obrigatoriamente tivesse de assumir o desprezo e a indiferença reiteradamente lançados contra ele.

Quando acordo, o voo de M já desembarcou. Procuo inutilmente por ele. Os saguões estão lotados. As pessoas vão e vêm, esbarrando umas nas outras, tentando achar a sua esteira para pegar o que é seu e deixar o mais rápido possível esse aeroporto que faz questão de expulsá-las. (VIDAL, 2009, p. 15 e 16).

A condição marginal do sujeito mediante um determinado espaço se reforça em função das ocorrências mal sucedidas, busca de interação que o meio parece rejeitar, repelir, como uma força antagônica, o sujeito em sua tentativa de se integrar, de se aproximar e comungar gestos, comportamentos e ações. A intenção de intervir, influenciar por meio de contribuições pessoais, culturais, frustra-se diante da exclusão que funda o desamparo, o desconforto, a desilusão que traduzem sentimentos de insegurança e desorientação.

A sensação de estar fora de um contexto sociocultural conhecido implica ideia de desterritorialização, que se efetiva e acentua a partir de um estado emocional vacilante, inconstante e inseguro, reiterando o status de fragilidade do sujeito ante o espaço, cujas contingências se revelam intensas e demasiadamente complexas para serem superadas de imediato, sem antes experimentar reforçado nível de angústia e aflição.

Passamos o dia inteiro em estado de nomadismo, da universidade a algum apartamento anunciado na internet, depois a um bar, de novo à universidade, depois ao banco, para tentar abrir uma conta, outro apartamento, mas nada habitável no preço que podemos pagar. (VIDAL, 2009, p. 18).

Uma vez mais as condicionalidades simbólicas se estendem a partir da narrativa de *AL*, que metaforiza a ocupação do espaço em relação às atuais condições da produção acadêmica e científica sulamericana relativamente ao restante do mundo dito desenvolvido. A condição periférica, marginal, da cultura latinoamericana em comparação aos Estados Unidos reflete bem a dimensão da discussão em torno do que Vidal se debruça.

O estado de exclusão e confinamento, a que se submete a protagonista-narradora de *Algum Lugar*, reafirma a ótica de isolamento, miséria e desprezo sob a qual a produção cultural da América Latina é recepcionada pelas forças culturais hegemônicas do mundo desenvolvido.

Fica claro que o conteúdo narrativo propõe reflexões que potencializam o debate em torno do (des)respeito à diversidade e à alteridade, privilegiando iniciativa de combate à intolerância, valorizando o estímulo ao desafio que fortalece e propõe revisão política no âmbito da estética literária, guiando-se para a superação do que já se anuncia como mentalidade ultrapassada.

O rótulo de literatura periférica surge materializado pela forma como a relação e o tratamento dispensado à protagonista anônima é admitido quando a mesma é recepcionada pela secretária do departamento ligado à universidade em que a tese de doutorado será desenvolvida.

As escrivatinhas da sala dos professores estão todas ocupadas, diz a secretária do departamento com um sorriso impenetrável. Oferece-me como alternativa uma salinha que fica no subsolo do mesmo prédio, um cubículo de mais ou menos 6m<sup>2</sup>. Em uma das paredes, uma escrivatinha com um computador e um pequeno sofá de dois lugares. Em frente, outra escrivatinha com outro computador, um armário de duas portas e uma minigeladeira. Na parede do fundo, uma pequena janela ao lado do ar condicionado. (...). Está decidido será meu lugar." (VIDAL, 2009, p. 49).

A descrição do local oferecido à protagonista anônima confere materialmente as dimensões e condições da espacialidade oferecida ao estrangeiro, ao imigrante que desde logo assume uma posição de quase invisibilidade na estrutura da geografia mundial. As características do espaço descrito a partir de termos que traduzem a sua diminuição implicam admitir a rejeição e a exclusão como demonstração de indiferença ao outro nessa busca inicial para se inserir.

A realidade em movimento reflete um cenário internacional de plena instabilidade que aponta para a expressão mais significativa do teor pós-moderno impresso na produção ficcional contemporânea. "Agora, andando por lugares aos quais tantas vezes fazia referência, é como se visse tudo espelhado: de um lado, Buenos Aires, do outro, o Rio, complementares, uma inexistente sem a outra." (VIDAL, 2009, p. 167 e 168).

O caldo cultural presente nos espaços urbanos abriga intercorrências e interações vivenciadas a partir de ambientes e personagens inseridos na arquitetura ficcional estruturada por Vidal, em cujos diálogos se observa a condição transitiva e oscilante de ações individuais que flutuam no espaço mundializado, enfatizando a dimensão flexível e dinâmica dos gestos e

comportamentos os quais se transversalizam para além dos territórios, ressignificando um tempo histórico sublinhado pela descontinuidade que também envolve os vínculos materiais e afetivos.

A narrativa de *AL* enfatiza os aspectos de convergência entre tantas diferentes culturas - algumas consideradas de menor ou nenhum prestígio por representarem países integrantes da chamada periferia do mundo - destacando a possibilidade de convivência com a diversidade. Isso, de modo algum, representa um projeto de missão pacífica, caracterizado pelo acolhimento ou demonstração de adesão à alteridade.

A realidade dessa interação agrava a convivência, indicando que certos espaços possibilitam a concentração da diversidade, mas tal experiência choca-se com a resistência do esforço para assimilar e superar as divergências culturais que povoam o mesmo território. Assim a coexistência pacífica é aparente, pois o teor dos desencontros é tão surpreendente quanto imprevisível.

A escalada de deslocamentos avançando sobre a cena contemporânea realça o perfil transitório que exhibe a face de um nomadismo reafirmado pelas coordenadas de um mundo em constante mutação, cujas evidências estão sintomaticamente simbolizadas por meio de viagens e movimentos migratórios, ressaltando a condição de instabilidade que a pós-modernidade experimenta.

Seu avião fez uma escala na cidade, indo de Los Angeles para a Argentina. Ele conta que está indo visitar seu namorado, que agora mora em Córdoba. Precisamos nos ver, diz. Estarei de novo no Rio daqui a dois meses. Combinamos então que ele vai ficar na minha casa. (VIDAL, 2009, p. 163 e 164).

Ao longo do enredo de *AL*, identificam-se efetivas determinações acerca de um estado mental e emocional que circula em torno da simbologia do isolamento e do movimento, cuja matriz paradoxal aparentemente distancia o significado dos termos, mas surpreende pela aproximação e fusão entre os mesmos. "Enquanto passa pela janela a paisagem urbana, que vou aprendendo a reconhecer, faço parte desse microcosmo provisório como uma estátua viva." (VIDAL, 2009, p. 29).

A dimensão de convergência para ambos os significados - isolamento e movimento - evidencia complementaridade num processo de encolhimento e expansão em que o espaço e o sujeito tornam-se imediatos reflexos envoltos pelas linhas de fuga, reafirmando aspectos contundentes das intensidades identificadas no processo da desterritorialização. Nessa perspectiva, a identificação entre as ideias de deslocamento e confinamento é viabilizada porque o sujeito deslocado também é socialmente um indivíduo confinado.

Por fim a viagem confere a dinâmica material e existencial que o feminino assume e repercute como pressuposto não idealizado para, de modo especial, mover ideias, sentimentos e práticas a partir da interação de que tomam parte o sujeito, o território e as contingências que potencializam o texto ficcional.

Felinto e Vidal valorizam o pronunciamento feminino e a maneira decidida como ele se impõe sem deixar de considerar os aspectos afetivos e contraditórios que configuram fragilidades e inseguranças de um sujeito que se lança ante um panorama contemporâneo eivado de resistências e rejeições.

### **1.1 Transgressões literárias e a viagem contemporânea**

Os ativos questionamentos das "verdades absolutas" e o dilaceramento das hegemonias são fundamentos integrantes da pós-modernidade que incidem sobre a arte literária, possibilitando abertura e amplitude a partir dos textos ficcionais, cujos debates e reflexões concorrem para a pluralidade de interpretações e consequentes percepções acerca da liberdade e do pensamento, com reflexos inerentes aos acontecimentos e suas implicações socio-históricas.

Entre o ordinário e a representação expressiva se destacam o vigor e o valor de contradição que se orienta pela via da desterritorialização. O potencial criativo, que permeia a obra literária, reitera o agenciamento calcado em suas intensidades, estendendo-se do valor simbólico ao status político, também transitando entre a liberdade individual e o comprometimento coletivo.

A literatura em sua dimensão artística profere o reconhecimento de sua fisionomia "marginal", sua feição "menor", pois só assim realça o que de expressivo e acessível existe em sua representação simbólica vigente. O caráter revolucionário da literatura incide exatamente em uma maneira de propor a força inventiva sem desmerecer a essência de seus recursos, convertendo-se em intenso processo de mudança, admitido pelas instâncias da contemporaneidade.

A abordagem que favorece a concepção criativa destaca o pensamento como dimensão para a contínua transformação, sublinhada de vigor para projetar o novo, o avanço, a revisão do já estabelecido. O princípio que mobiliza o status de novidade está inserido na disposição em assumir o desafio e garantir a quebra, a ruptura, sem impor um processo de

mero apagamento das práticas e ações até então adotadas, mas incluindo as efetivas contribuições de ideias sintonizadas com o perfil da contemporaneidade.

Tal determinação afeta todos os segmentos produtivos, particularmente aqueles que se debruçam sobre cenários sociais onde a dinâmica das relações humanas pressupõe agentes contracenando na arena em que valores - vínculos, afetos, divergências, conflitos e necessidades - expõem o caráter paradoxal de potência e fragilidade que transversaliza encontros e desencontros, promovendo uma realidade plural, multifacetada a repercutir a condição globalizada na pós-modernidade.

A produção literária é reconhecida em sua dimensão criativa quando o resultado do seu fazer ressignifica a condição humana, em seu caráter existencial, por meio de um viés estético que contempla elementos como a força, a qualidade e o simbolismo da construção ficcional em conexão com o contexto sociocultural de um momento histórico dado.

A integração e superposição de componentes diferentes favorecem encontros, inclusões e interfaces. Não se trata de eliminar ou destruir, antes o que se privilegia é uma proposta de recuperação e resgate de valores que preexistem e sustentam um processo interativo de cuja alquimia pulsam resultados tão heterogêneos quanto surpreendentes em face dessa transversalidade.

Teorias e conceitos em diálogo com a desterritorialização textualizam que não há o centro, preferindo o entendimento que se potencializa por meio das linhas de fuga, rejeitando a hierarquia e valorizando a superposição como viés pertinente do que se propaga pela contemporaneidade. As intensidades circulam em torno das divergências e contradições que se alinham a partir da textura de diversidade sobre a qual transitam conflitos e tensões.

A partir das obras literárias *MT* e *AL* é possível identificar pertinente diálogo entre a realidade contemporânea e os aspectos estéticos que materializam a ressignificação do romance contemporâneo numa perspectiva de atualização da matéria ficcional em que a criatividade artística se presta a uma abordagem política e socialmente incisiva tanto no plano da forma como em relação ao conteúdo.

Em *As mulheres de Tijuapapo* ousadas incursões literárias se efetivam. O enredo se desenvolve de modo enviesado, cuja ausência de linearidade confere criatividade, no sentido de se ativarem conexões entre aspectos que aparentemente se encontram dispersos, uma vez que a linguagem projeta estruturas frasais nas quais há constantes reincidências de palavras regionais, populares e cotidianas às quais se associam termos nitidamente sofisticados, aplicados de modo eventual e surpreendente.

As pessoas de São Paulo não sabem mais falar. Não dizem coisa com coisa dizendo que tudo é coisa, chamando tudo de uma coisa qualquer. Eu sinto falta dos nomes bonitos que vou reencontrar em Tijuco-papo. Lá em Tijuco-papo eu colho jambos toda tarde no alguidar. Há recas de pacas sinistras pelos regos. Há casa de farinha, moinho, canaviais viçosos. Em São Paulo eu só encontrei palavras em língua estrangeira, ou numa mudez impressionante. Em São Paulo eu quase perdi a fala." (FELINTO, 1982, p. 115).

O recurso ativo da linguagem se presta como mecanismo de defesa contra o isolamento, como iniciativa de intromissão que se pronuncia em tom vigoroso, interpretando que a barreira erguida pelo diagnóstico da diferença de sotaque linguístico é já um pressuposto para a discriminação, para a marginalização.

O impulso para o impedimento, que dificulta o ingresso, a inclusão do outro em um sistema que parece caber somente a semelhança, implica deixar de fora, à margem a diversidade, num contexto que reafirma a negação como referência nessa passagem entre o Nordeste e o Sudeste.

A viagem, como tema central, vincula-se a outros assuntos que recebem tratamento ousado, porém consequente, como família, religião e sexualidade, sem retoques nem melindres. A postura de rejeição e negação quanto ao caráter hegemônico, adotado até então no âmbito da literatura, confere viés de transgressão, por meio do processo de feminização, uma vez que os enredos de ambos os romances projetam nítida predominância feminina na mobilização e condução das ações narrativas.

Em *AL*, a dimensão de linearidade do foco narrativo se rompe com a surpreendente ampliação - primeira, segunda e terceira pessoas - enquanto o anonimato dos personagens, embora já utilizado como recurso narrativo, nesse romance se revigora para enfatizar o seu caráter desterritorializador, reiterando sua condição transnacional.

O deslocamento que supera a fronteira nacional confirma a circulação dos personagens ao redor do mundo, mas tal iniciativa é sucedida de rigorosa exigência emocional. O preço afetivo é o sentimento de rejeição e estranhamento, a sensação de desconforto e desamparo em que solidão e insegurança se manifestam, realçando as fragilidades que se intensificam pelo afeto negado.

Somos massacrados diariamente pela cidade, que nos faz pagar nosso desconhecimento com uma viagem lenta e maçante. Meu único contato com ela é através da janela do carro, uma pequena tela particular, em movimento. Acompanho uma longa sequência em que a cidade exhibe sua aparente monotonia - uma calçada única, de um extremo ao outro. (*AL*, p. 21).

Em ambos os textos a viagem transcende sua natureza de mero deslocamento territorial sendo que AL assume dimensão cultural mais ampla, ultrapassando as fronteiras nacionais, propondo incursão existencial, aventura em que o sonho deflagra um aspecto de fantasia, viagem psicológica e imersão interior. O deslocamento do sujeito é fundamento para promover o encontro, mas também o desencontro de modo a possibilitar a interação, cujos desdobramentos narrativos revelam um caráter fleumático e cadenciado, mas que ilustra o dinamismo e a força expressiva como sinais recorrentes e marcantes da contemporaneidade.

A literatura projeta o esforço criativo para superar os aspectos limitados e superficiais da realidade, transformando-a em perspectiva de aprofundamento da obra artística. Esse caráter criativo em que se ampara o texto ficcional corresponde ao vínculo que se estabelece entre o real e o imaginário, pelo que "Tudo vira escrita, até os sonhos, uma escrita capaz de condensar a experiência." (VIDAL, 2009, p. 25).

No sonho, Los Angeles está deserta. Você demora um pouco para perceber que o que vê não são as habituais ruas solitárias, são ruínas. Reconhece a avenida por onde está andando: é a Wilshire. Não há um carro sequer. Nenhum pedestre. Ao virar uma esquina, está na sua rua. Seu prédio está lá, mas a porta está fechada e você não tem a chave. Acorda. Sentada na beira da cama, você não consegue se desfazer de uma sensação de irrealidade: Los Angeles havia se transformado numa cidade-fantasma. (VIDAL, 2009, p. 35).

*Algum lugar* é a esfera ficcional onde se fundem ou se complementam as dimensões do real, do imaginário e do sonho por meio de iniciativas que fundamentam o universo artístico e literário. Nesse plano se reproduzem as contingências - valores, práticas e sentimentos - que afetam o sujeito e o espaço para estabelecer as conexões, refletindo aspectos individuais e coletivos como parte das estruturas do contexto pós-moderno.

Os empréstimos fundadores da presente pesquisa, que aqui se projetam a partir dos romances *As mulheres de Tijucoapo* e *Algum Lugar*, convergem para perspectivas do deslocamento e das incidências existenciais vivenciadas a partir do sujeito inserido no espaço territorial. As ideias de trânsito e passagem consideram aspectos da realidade cultural brasileira no primeiro romance; e aspectos culturais transnacionais no segundo romance.

Para Rísia, o apelo em busca das origens visa recompor a identidade fraturada e traduz-se em vigorosa sustentação nessa viagem sublinhada por sentimentos como a raiva, a dor e o medo, que de tanto afetarem-lhe a conduta, os gestos e o comportamento, convertem-se em força e coragem, impulsionando a vontade, o desejo de se lançar e se impor como uma dimensão subjetiva cruzando as margens de vias e rodovias - marcas do espaço e da

subjetividade em trânsito -, tráfegando, viajando, deslocando-se, nesse processo em que as linhas de fuga materializam as intensidades do processo de desterritorialização.

Rísia reafirma sua condição transgressora - por ser mulher, negra, nordestina e pobre - enfatizando aspectos dos agenciamentos e da territorialidade, formulando e projetando atitudes veementes a demonstrar superação em face da exclusão que persegue sua condição de migrante, cujas linhas de fuga reiteradamente refletem, de maneira contundente e consistente, a desterritorialização em curso.

Uma paisagem revolucionária de mulheres guerreiras. Eram mulheres que não eram minha mãe. Essas mulheres, que não eram minha mãe, tinham a sina das que desembestam mundo adentro escanchadas em seus cavalos, amazonas defendendo-se não se sabe bem de quê, só se sabe que do amor. Só se sabe que do que o amor as fez sofrer. Só se sabe que do que o amor as fez traídas. Mulheres na defesa da causa justa. (FELINTO, 1982, p. 180 e 181).

Rísia é afetada pela ira, pela dor, além de outros sentimentos de conotação negativa como a indiferença e a discriminação, argamassa interior com a qual vai sedimentando sua força, municiando o tom de revolta que a consagra como "a peste", um estorvo a combater as frivolidades nutridas pela injustiça e pelo descaso.

Incluir na plataforma das condicionalidades humanas a complexidade de todas as contradições, eis aí a perspectiva em que se move a protagonista de *MT*. As instâncias paradoxais que convivem em conflito na natureza humana se manifestam na transversalidade da qual saltam intensidades (in)imagináveis porque o panorama no qual Rísia está inserida confere a ela um status marginal, excludente, ainda assim são virtudes e vícios concentrados no interior da protagonista que despertam tanto a generosidade como a perversidade coexistentes na personagem.

A tessitura que implica orientação para o pertencimento e para a inclusão, constrói-se temperada pelo rigor da solidão, do medo e da fragilidade também, mas é preciso recuperar-se para estar disponível ante o desafio, encorajar-se para vomitar todos os desaforos, todas as imprecações contra tudo e contra todos, indignando-se e insultando religião, família e escola como referências institucionais de uma sociedade programada para desferir golpes de humilhação e massacres recorrentes.

A vocação de Rísia inclui atos e gestos incisivos, contundentes. Por isso ela se lança persistente à procura de um significado que favoreça a natureza humana em seu sentido essencial no qual a solidariedade insiste em prevalecer sobre as atrofiações que degeneram afetos e sensibilidades.

Apesar da desilusão e da decepção, que ruminam em seu ser, balizando suas incursões recheadas dos dramas sociais e políticos, a predileção pela essência humana reflete o vínculo afetivo e o apreço de Rísia pelas origens. É esse resgate que mantém a firme intenção de compor com a alteridade no que há de diverso e pleno de substância, sem desconsiderar os eixos de instabilidade, contradição e complexidade no embate entre práticas e ideias operadas pelo sujeito em sua dimensão plural.

Após experimentar os rigores da desterritorialização, cujas marcas lhe são perceptíveis na superfície do corpo e nas profundezas da alma, Rísia impõe-se como um sujeito empunhando o próprio domínio, senhor e dono de seu destino embora tantas interferências ainda irão se projetar no decurso de sua trajetória. Mas é preciso superar, ultrapassar os limites da própria fragilidade, transformando-a em potência legítima de sua empreitada em forma de deslocamento.

Estou indo de volta para Tijucopapo porque quero ver se sei. Tive de vir-me embora. Agora em meu caminho há babaçus e muitos mocambos. Ontem de noite sonhei com Luciana. Ouvi grito de coruja na floresta. Era um sonho cruel. Não sei direito por que vou aqui afora, talvez por minha crueldade. Quero ver flores. (FELINTO, 1982, p. 40).

*As mulheres de Tijucopapo e Algum lugar* apresentam enredos a partir dos quais a proposta da desterritorialização, em sentido literário, se evidencia por meio de iniciativas e procedimentos, inovadores ou mesmo revolucionários, aplicados às arquiteturas de tais romances os quais se oferecem como um caminho valioso e com perspectiva de aprofundamento para melhor compreensão e aproveitamento do debate ficcional que se articula a partir e em torno dos personagens.

Exemplo e reflexos desse vigor anunciado são o próprio tema vez que a viagem se consolida com teor de discussão histórica de amplo alcance, encontrando no contexto contemporâneo condições objetivas capazes de transformá-lo em indiscutível dimensão de debate em que os argumentos e fundamentos se associam para efetivar a valorização da ficção pós-moderna.

A perspectiva da feminização que transgride a hegemonia masculina por meio de um conteúdo crítico com parâmetros sociais e políticos da maior relevância também se sobressai, realçando a diversidade e a tolerância, num vivo combate aos preconceitos. Aspectos formais das estruturas das obras têm sido apresentados ao longo das reflexões como características dessa espécie de revolução nutrida pela criatividade.

O tema da viagem, abordado pelos romances *As mulheres de Tijucopapo e Algum lugar*, mantém diálogo franco com a abordagem teórica da desterritorialização a partir da qual

Deleuze e Guattari pensam a realidade contemporânea sob a perspectiva de um deslocamento, em nível geográfico e comportamental, orientado para as incidências sobre o sujeito, a alteridade, a diversidade e as contingências que envolvem tais instâncias enquanto as repercussões daí derivadas potencializam a estética romanesca pós-moderna.

Os aspectos relacionados à linguagem e seus desdobramentos relativos à subjetividade e à territorialidade também surgem com inequívoco potencial reflexivo no cenário de conflito e contradição da pós-modernidade. Ao dialogar intensa e profundamente com o viés da desterritorialização, a literatura amplia as reivindicações que possibilitam amparo ao ofício ficcional em sua dimensão contemporânea, invocando componentes de flexibilidade e volatilidade que enfatizam o seu status simbólico e crítico.

Observam-se a ressignificação da linguagem, a revalorização da territorialidade e o potencial político que se deflagra para contemplar arquitetura diversa, norteando-se por meio de dicção mais ágil, habilitando-se, portanto, como fator de importância a ser considerado na formação do romance contemporâneo.

Situada entre o real e o ideal, a desterritorialização literária viabiliza-se como referência para significados diversos, estendendo-se sobre o imaginário e a realidade cotidiana, que cada vez mais se volatiliza, potencializando a ficção contemporânea a partir de um perfil que acolhe e expande significativas propostas no âmbito da literatura pós-moderna.

A migração, como iniciativa desterritorializadora em *As mulheres de Tijucoapapo*, confere à narradora-protagonista a dimensão da busca acompanhada pela perda. Os vínculos emocionais e afetivos são de tal forma tensionados que refletem aspectos individuais e coletivos em expansão, deflagrando a angústia da personagem atraída e atirada no centro de uma realidade, envolta por questionamentos e incertezas, cujos contornos exigem definição dotada de resistência e insistência.

Da Recife coitada. Nós batemos em retirada no meio de porcos e galinhas e pedaços de tapioca amanhecida, entre catabios e sacolejos de um pau-de-arara para um hotel imundo no Brás de São Paulo enquanto papai, o louco, alugava um porão qualquer onde nos socar. E isso não é apenas mais uma história. (FELINTO, 1982, p. 104).

O desamparo e o abandono interpretam de modo incisivo a situação política que se pronuncia para determinar as circunstâncias sociais que a partir de agora a personagem vai experimentar. A viagem aí tem contorno impositivo, é um deslocamento sem perspectiva de retorno, sem "negociação", a necessidade mais urgente é a saída, "bater em retirada", sem poder dimensionar as repercussões e implicações desse movimento.

As representações que enfatizam o entre-lugar reiteram o status de exclusão e marginalização que a personagem assume. A impossibilidade de se inserir, de fazer parte e contribuir a partir dos componentes culturais que consigo carrega, impõe à protagonista circunstâncias de rejeição acompanhada da mais absoluta indignidade.

Recife a rejeita, destinando a personagem para se deslocar em um "pau-de-arara", meio de transporte que se caracteriza pelo aspecto repulsivo da falta de higiene, referência simbólica e contundente relativa ao espaço da imundície e do lixo; o ambiente cuja denominação inicial poderia transmitir acolhimento, e até mesmo um certo *glamour*, o "hotel" é adjetivado de "imundo" e, por fim, o pai vai "socar" a personagem nos limites de um "porão" que por si só confere a exiguidade, a insalubridade e o isolamento, confirmando o espaço que a protagonista narradora ocupa na hierarquia social, reafirmando-lhe a dura fisionomia da indigência humana que a espreita com o seu semblante sizudo e perverso.

Ressentimento e consciência resultam dessa condição transitória, o entre-lugar em que Rísia se revela como subjetividade afetada pela experiência do deslocamento. O embate que desperta revolta e reconhece a mágoa sem omitir a dor, conduz ao desespero de um retorno angustiante em direção à origem que se pretende redentora, tentando significar o resgate ou a recomposição do cenário no qual a personagem se encontra enredada nas contradições do romance porque "Havia trocado o Nordeste pelo Sudeste ainda pequena, em companhia da família, e agora retorna às origens sozinha e ainda mais ressentida". (BASTOS, 2013, p. 9).

A condição de carência e escassez, em torno de Rísia, implica reflexão sobre o status de indigência que os movimentos e deslocamentos deflagram no romance *As mulheres de Tijucopapo* uma vez que o espaço entre duas regiões contempla significativas contradições entre a busca insistente de oportunidade e a negação das origens, que inclui a ausência de orientação segura, referência vaga, lacuna onde se situa a interrogação, a dúvida, o questionamento.

Destino incerto, enviesado, sublinhado pela instabilidade do transeunte que oscila ante o desejo de se estabelecer, de inserir-se no espaço geográfico, mas vacila feito pêndulo, driblando a tentativa de um posicionamento, de uma colocação, pois situar-se significa pertencer, estar incluído. Porém é o entre-lugar que, reservado à Rísia, se ergue, consagrando a indigência como certeza exclusiva ou como plenitude da incerteza.

A tentativa do retorno confirma o fracasso da partida. Para Rísia, o deslocamento é um processo ancorado na deriva, iniciativa que mobiliza esperanças em transição, sem garantia de chegada, mas confiante em resgatar as origens, as raízes paradoxalmente fincadas

em terreno movediço. A revolução que se esboça, transita antes pelas contradições, conflitos e angústias projetados como imperativos contemporâneos.

Estou indo de volta para Tijuco papo para ver se sei. Foi lá que minha mãe nasceu. Tive de vir-me embora. Vou lá para ver se sei porque posso ser cruel e não amar assim como odeio. Vou para Tijuco papo ver se sei porque sou pobre. Depois vou pintar a revolução. (FELINTO, 1982, p. 134).

Tanto em *As mulheres de Tijuco papo* quanto em *Algum lugar* a concepção de subjetividade pulsante na contemporaneidade aparece de modo flagrante para compor um painel objetivo do novo cenário em que as diversas dimensões de convivência são observadas e amparadas.

Entre outros aspectos, a desterritorialização é um fundamento estético que se caracteriza pela subversão, e essa revolução inclui o inevitável processo de feminização da literatura contemporânea, que se inscreve na perspectiva de uma atitude crítica acerca das percepções hegemônicas consolidadas ao longo da história do romance.

O surgimento de uma mentalidade voltada para o questionamento do modelo ficcional, de perfil masculino, branco e ocidental já consagrado, serve de parâmetro para a construção da narrativa que busca atualizar-se por meio de uma postura contundente, incisiva e transgressora.

Angústia e conflito, projetados a partir da dimensão psicológica, sugerem apreço calculado pela dinâmica interna na perspectiva de atos e fatos que refletem as condutas e atitudes mais íntimas, valorizando a condição interna do sujeito e provocando reflexões sobre a individualidade, sem neutralizar as interações que vigoram no entorno, interferindo sobre o teor afetivo derivado de um inconsciente em estado bruto.

## **1.2 Desterritorialização: aspectos estéticos e políticos de uma revolução**

A literatura pós-moderna é tributária das revisões teóricas promovidas pela psicanálise e pelo feminismo, entre outras contribuições contemporâneas, que se associam ao questionamento do conceito cartesiano de sujeito harmônico, definido por identidade inata, refletindo acerca do deslocamento e da oscilação da subjetividade.

O romance *As mulheres de Tijuco papo* favorece apropriada reflexão quanto ao que se cogita de possíveis mudanças e do inevitável aproveitamento das características já consolidadas relativamente ao segmento literário. Renovação e reaproveitamento dos

elementos que compõem forma e conteúdo da matéria ficcional revelam a natureza heterogênea a permear o ofício literário, reiterando status situado entre a fissura e a reconstrução do tecido criativo, ilustrado pela consciência crítica.

Tensão e conflito coexistem na dimensão literária como fator demonstrativo das recentes práticas e ideias que circulam na pós-modernidade. Assim como outras áreas do conhecimento humano, a literatura também experimenta as influências contraditórias da rejeição e do acolhimento em razão do já conhecido e da inovação.

A arquitetura literária de *MT* dialoga intensamente com a contemporaneidade na medida em que potencializa componentes da forma, promovendo rupturas que interferem na conduta e na postura do leitor, ativando imediata reflexão a orientar para o plano das interações entre personagens, e entre estes e o espaço, cujos resultados de natureza social repercutem no momento histórico.

Discussões e reflexões em torno dos vínculos afetivos e sentimentais, envolvendo a busca do amor, a necessidade do pertencimento, os processos de identificação fazem-se representar por meio de metáforas que se desdobram para se materializar como sintoma de uma realidade em que vigoram intensidades estendidas para propor a ênfase de um panorama instável, flexível, movente, admitindo-se que:

A história da literatura é feita não só de rupturas, mas também de continuidades. Um período literário se forma com a rejeição de muito do anterior, porém há continuidades importantes. No caso do presente romance, vemos a ruptura muito claramente, com a ausência de um enredo tradicional e com a forma narrativa cheia de repetições, mas também observamos pontos de convergência com outros períodos literários. A viagem é uma metáfora onipresente para assinalar desenvolvimento ou qualquer tipo de progresso temporal. A busca do amor, da convivência, do pertencer, que parece no final tomar conta de Rísia, é também indicativa de continuidade. (GONÇALVES, 2001, p. 10).

O enredo de *As mulheres de Tijucoapo* evidencia, a partir do seu conteúdo, alguns componentes da essência humana, considerando a heterogeneidade, ilustrativa de conflitos e contradições que se ancoram como parte dessa existência complexa. Propriedades humanas, entre as quais a linguagem e a consciência, valorizam o processo de composição que a ficção utiliza como referencial para estimular o debate em torno das ordinárias condições dispersas no cotidiano.

Há de se destacar a discussão, proposta a partir da produção ficcional de *MT*, que traduz o resgate da perspectiva simbólica orientada pelos estados físicos da matéria, particularmente o sólido e o líquido, cuja conotação metafórica se estende para uma análise da representação do que os enredos encaminham como reflexão ante o panorama recente no qual

homem e meio interagem em torno de variantes internas e externas. Isso vale para o sujeito e para o território.

Entre a rígida garantia proposta pela ideia de solidez e a flexível instabilidade projetada pela noção de liquidez consagram-se os questionamentos e debates dispostos ao longo das narrativas de *As mulheres de Tijucopapo* e *Algum lugar*. A realidade ficcional intervém para interromper o status cristalizado, a estrutura pré-estabelecida, que já não dialoga com as exigências socioculturais mais recentes em face da dinâmica do momento histórico.

Realidades e mentalidades submetem-se a frequentes reflexões acerca de um processo que não mais se orienta pela rigidez, pela paralisia, pela permanência, mas sim pela instabilidade, pela oscilação, pelo movimento. Os fluxos migratórios de grupos ou pessoas mobilizam essa condição de inconstância, em busca de acesso, ir ao encontro de ou de encontro ao outro para produzir rugosidades, ressignificando as novas possibilidades e novas dimensões de convivências e relacionamentos.

A viagem, tema de ambos os romances, contempla aspectos simbólicos de ampla relevância para além de sua natureza real e dinâmica, estabelecendo pertinente conexão entre a ideia de estabilidade e instabilidade; fixação e mobilidade a partir do que se reflete sobre a representação dos estados físicos da matéria - sólido e líquido - enquanto o primeiro responde pela rigidez e firmeza, pressupondo segurança e garantia; o segundo é móvel e flexível, propondo maleabilidade e oscilação. Se o sólido expressa definição incontestável, o líquido projeta incômoda fluidez.

"O rio transbordava em notícia, acabando com qualquer dimensão que tivesse aos meus olhos em tempestade (...)." (FELINTO, 1982, p. 64). Em correspondência com o estado líquido da matéria, dentre as muitas simbologias, a água surge como um destaque a sublinhar o conteúdo ficcional ao longo do enredo de *As mulheres de Tijucopapo*. O rio, a chuva e o choro são referenciais projetados e vinculados à trajetória da protagonista Rísia, significando apeço e apeço ao elemento que influencia um cenário de realidade e sobre ele interfere.

Meu sentimento muitas vezes é assim de chuva, molhado, pingado. Sentimento chorado, lágrimas espessas sobre a natureza que me parece tão cruel desse mundo que não se lava, que nem chuva lava. Pois, se chovesse lá fora, eu olhando da janela, como definir esse meu sentimento senão como vindo do alto cume de mim, o meu céu, para bater, gotas grossas, no fundo de mim, o meu poço? Eu me alago e entristeço. Eu quase me sufoco nesse sentimento pluvial. Ele me escorre dos cabelos molhados e se prega em minha roupa grudando-a no corpo, ele me abandona acorçada, encharcada e tremida na encruzilhada numa esquina sem abrigo. (FELINTO, 1982, p. 59).

Ao mobilizar o caráter de transformação da água, tal referência também se amplia para higienizar efeitos de impurezas indesejadas, bem como para irrigar as potencialidades de um sujeito sob pressão, emparedado, conferindo expansão e consistência à metáfora da liquidez que se insere como pressuposto instável de um panorama inconstante, irregular, em movimento permanente a reafirmar o contexto flexível e móvel da pós-modernidade.

Conforme Vieira (2001, p. 43) o elemento água, sempre recorrente na narrativa, traz em si um significado de positivo no que diz respeito a “batismo”, purificação, a um renascimento para a vida. E parece ser este o princípio que o rege na narrativa, visto que a protagonista refere-se constantemente à chuva como um sentimento presente, ensejando, aí, um desejo de renascimento e libertação.

A simbólica dimensão, sublinhada pelos dados acima destacados, credenciam a produção literária contemporânea a dialogar francamente com essa nova perspectiva, propondo a ressignificação de uma realidade cuja fisionomia é legitimada pelo processo de contínua mudança. As problemáticas da pós-modernidade respondem pelo viés de desconstrução da lógica segundo a qual o sujeito pleno e consistente é contestado e identificado agora por evidente dilaceramento, efeito sintomático da substância humana que o compõe.

Noções e conceitos aplicados ao contorno do romance contemporâneo primam pela revisão, como não poderia deixar de ser, uma vez que a literatura tem como premissa interagir com as realidades das quais pessoas e contingências são expoentes de um processo em intenso diálogo.

Procedimentos relativos à inclusão e aos questionamentos da estrutura hegemônica estabelecida definem o escritor e a literatura como vetores críticos. Gênero, etnia, religiosidade, sexualidade, trabalho, afetividade, entre outros, são assuntos que reiteradamente inspiram e frequentam os debates na contemporaneidade, e todos eles aliados a desdobramentos e variantes que suscitam reflexões pertinentes, cuja abrangência demonstra o caráter extensivo e intensivo que os afeta no cenário contemporâneo.

Os componentes literários interagem, na pós-modernidade, numa perspectiva de integração, reafirmando vínculos afetivos e demonstrando força cultural. As iniciativas envolvem superfície e profundidade de um contexto que supera o real para se expandir, superando limites e fronteiras, potencializando o paradoxo que revela permanência e instabilidade ilustrativas da feição complexa e móvel ora articuladora do conceito de desterritorialização, justificando o viés fluido que inexoravelmente envolve relações e relacionamentos.

A estética literária contemporânea afeta e é afetada pelas contingências que envolvem território e subjetividade, representando a (r)evolução romanesca por meio da linguagem, dos personagens, do espaço e do tempo a partir do que se instaura uma percepção heterogênea das relações entre o sujeito e as múltiplas transversalidades que ocorrem no contexto da pós-modernidade.

Impulsos da pluralidade configuram a feição transcultural que o contexto contemporâneo acolhe para determinar a realidade estético-literária em torno da qual a multiplicidade de experiências faz fluir a flexibilidade e a complexidade como emergência de um momento histórico. Diversidade e alteridade reiteram observações em torno de gestos e comportamentos tolerantes, assegurando a desejável fluência de valores materiais e imateriais.

O caráter político e social que se estende pelas estruturas literárias configura um cenário envolvente quanto às potencialidades da consciência individual com as correspondentes incidências coletivas no cenário contemporâneo. A força criativa que confere legitimidade à iniciativa literária mobiliza a dimensão política, favorecendo as intensidades inerentes à consciência de um sujeito que, por meio de um posicionamento crítico, assume a ideia de desterritorialização como vigoroso amparo conceitual.

É oportuno considerar circunstâncias da amplitude internacional em que culturas distintas são flagradas em estágio de encontro e desencontro, atestando o caráter dinâmico e o viés de contradição ostensivo. São traços ativos e mesmo criativos que incluem, além do componente político, os valores imateriais: sentimentos, inseguranças, dúvidas, conflitos, receios, riscos e afetos. Então se reafirma o teor transnacional da diversidade como marca admitida pela desterritorialização.

A sala fica no subsolo, como minha salinha, mas é bem mais ampla e luminosa. A aula já começou. Sento-me num canto. O professor está falando sobre dois fracassos que a América Latina precisa encarar na década de 90: por um lado, dos projetos revolucionários dos 60 e 70, todo o imaginário político que girava em torno de Cuba e que se expressava numa nova literatura; por outro, o fracasso das culturas de transição, tentando construir democracias que funcionem. (...). Os alunos são americanos que fizeram ou estão fazendo o curso de espanhol. Há também duas peruanas. (VIDAL, 2009, p. 92).

O argumento que referenda o caráter dialético dos processos literários, nos quais a desterritorialização efetivamente toma parte, favorece a mentalidade pós-moderna no que existe de politicamente transgressor e revolucionário, orientando-se para uma postura que acata o desafio da transversalidade como princípio motivador das relações e relacionamentos na contemporaneidade.

A proposta de dinamizar e expandir conceitos implica admitir que há abordagens aplicadas sob um viés reducionista, inadequado ou incompleto embora a incompletude seja, entre os destaques, o componente que mais contribui para o que ora se discute acerca da expansão da matriz estético-literária.

A desterritorialização configura uma espécie de plena consciência do sujeito, cuja incidência se dá a partir das práticas de convivência com os elementos da natureza e com as experiências de outros sujeitos. Tal movimento se potencializa, convertendo-se em flexibilidade e complexidade, daí derivando interações que implicam vivência política, econômica, social e cultural que admite a iniciativa individual, porém numa perspectiva coletiva.

Os procedimentos de construção encaminhados pelo ofício da criação literária contam, em boa medida, com ricos e consistentes empréstimos buscados junto às formulações teóricas que envolvem o conceito de desterritorialização, sem prejuízo da aplicação dos componentes e variações dessa teoria acerca de outras instâncias do conhecimento.

Desterritorialização, por sua amplitude e complexidade, dialoga tanto com a dimensão existencial quanto com a realidade material, desdobrando-se em incidências sobre a subjetividade, a linguagem e a territorialidade, potencializando as repercussões políticas e sociais dessas instâncias.

A literatura se orienta pela essência das noções e conceitos aparentemente antagônicos que interagem em tom harmônico para produzir efeitos e significados pertinentes em razão de um panorama reconhecidamente complexo. Ao admitir as divergências e contradições, destacam-se os contornos da diversidade e da alteridade, ressaltando a diferença e a tolerância como variantes que a instância literária abriga em contraponto à tirania.

A face democrática e amistosa do debate se fortalece, como valor de aproximação entre elementos distintos, para compor um cenário em que as essencialidades subjetivas, aliadas às objetividades cotidianas, deflagrem inevitável apelo a permanentes negociações, considerando contradições reais e imateriais como parâmetro da contemporaneidade.

A defesa e o reconhecimento da literatura, como reflexo sensível e crítico das práticas humanas, são enfáticos e redundantes para demonstrar todas as interferências e repercussões que os estudos recentes revelam em torno do debate que ora se encaminha, seja por meio de transcrições obtidas a partir de extratos de pesquisas ou mesmo de avaliações pessoais que aqui vou assumindo.

A heterogênea composição dos estudos literários reafirma com veemência a dinâmica de uma realidade estruturada por componentes que transitam entre a aliança e o

divórcio, flagrando perdas e conquistas avalizadas pela convivência de contradições inevitáveis, ilustrativas do perfil contemporâneo a que estão submetidos os novos conceitos e abordagens.

A discussão acerca do sujeito - encharcado de valores culturais, exposto às incidências econômicas e questionado em meio às contingências sociais - potencializa a realidade literária em que os personagens articulam efeitos de um cotidiano vertido em experiências relacionadas à luta, à ética, à solidariedade e à estética, por exemplo.

A pertinente conexão entre a instância criativa e a iniciativa política situa a prática literária como dimensão crítica no processo de construção da consciência coletiva. A matéria ficcional privilegia a língua como fator de articulação entre componentes culturais e argumentos políticos a partir do que um romance considera, além do texto literário, as contingências socioculturais e ideológicas que sobre ele incidem.

Portanto a elaboração do romance é uma empreitada de natureza política da maior relevância uma vez que nele estão inclusos os elementos dos quais as reflexões e discussões não podem prescindir porque a narrativa implica variantes e desdobramentos que, a partir dos personagens, se vinculam a contingências que consideram o sujeito e suas manifestações político-ideológicas.

As três categorias da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do individual com o imediato político, o agenciamento colectivo de enunciação. O mesmo será dizer que «menor» já não qualifica certas literaturas, mas as condições revolucionárias de qualquer literatura no seio daquela a que se chama grande (ou estabelecida). Até aquele que por desgraça nascer no país de uma grande literatura tem de escrever na sua língua, como um judeu checo escreve em alemão, ou como um Usbeque escreve em russo. Escrever como um cão que faz um buraco, um rato que faz a toca. E, por isso, encontrar o seu próprio ponto de subdesenvolvimento, o seu patoá, o seu próprio terceiro mundo, o seu próprio deserto. (DELEUZE e GUATTARI, 2003).

As iniciativas estéticas que propõem subversões na estrutura do romance contemporâneo se fazem acompanhar de teor político e social para traduzir em atos e circunstâncias o que as obras literárias, ora em análise, abordam. O aprofundamento da natureza crítica e transgressora que o segmento literário tem o dever de repercutir se associa ao viés de criatividade do qual a ficção contemporânea não pode prescindir porque faz parte do mister desse ofício.

Há nos romances, que ora articulam reflexões e análises para construir esta dissertação, enfáticas demonstrações políticas de como Rísia (*MT*) e a protagonista anônima (*AL*), na condição de narradoras-personagens, participam dos enredos, projetando-os como propostas revolucionárias.

O teor e a forma das obras literárias atestam incursões políticas que flagram distinções e similaridades, aproximações e distanciamentos, e ainda assim convergem para o ponto que orienta e consolida a diretriz do presente trabalho quanto à perspectiva de entendimento acerca das exigências contemporâneas e suas conseqüentes inovações.

A partir de Deleuze e Guattari, a concepção de sujeito ora admitida ressalta os contornos que, sob o ponto de vista teórico, são suscitados pela contemporaneidade, refletindo a reelaboração dessa fisionomia subjetiva da qual extrai para expor aspectos de questionamento em face da fragilidade que o conceito assume na pós-modernidade.

A solidez e consistência, de que até então fora dotada a subjetividade, espatifa-se num cenário de crise, permitindo a projeção de dúvidas que se estendem, atingindo suas características mais significativas, de modo a afetar-lhe a legitimidade e autonomia conceituais.

Em oposição a um sujeito constituído pelo vigor e determinação modernos, projeta-se uma subjetividade reconhecida pela carência e fragilidade, envolta pela dependência de circunstâncias materiais e imateriais na contemporaneidade. Efetivamente em crise, o sujeito é dotado de um viés mais próximo das condições impostas pela pós-modernidade.

Conflitos e angústias, vinculados a aspectos da individualidade e às considerações coletivas, reafirmam o perfil de sujeito sublinhado pelas nuances de um "eu" estilhaçado, afetado pelas fraturas existenciais que se guiam pelas linhas de fuga, potencializando o conceito da desterritorialização.

O fundamento da teoria elaborada por Deleuze e Guattari ancora-se em elos como a expansão, a extensão, a abertura e a flexibilidade em contraposição à permanência, à paralisia, à fixação e à rigidez. Assim é que a subjetividade configurada sob um perfil móvel, inconsistente e em contínua transformação serve bem como referência conceitual e teórica à perspectiva que contorna a estética literária pós-moderna.

O que enfim se admite, particularmente em torno da narrativa de AL, é a crescente dinâmica a respeito da transnacionalização na qual a interação entre culturas distintas é cada vez mais uma realidade instigante naquilo que possui de plural em si mesma. Os deslocamentos que avançam e ultrapassam as fronteiras nacionais corroboram a perspectiva segundo a qual o limite geográfico-espacial do sujeito contemporâneo rege-se por reconhecida amplitude.

Por motivos diversos, indivíduos e grupos estão se movimentando, saindo, retornando e, assim, potencializando esse quadro de um fluxo cada vez mais avalizado pelo

processo de globalização. Essa ruptura de fronteiras é sintomática porque revigora, de modo significativo, os aspectos migratórios em curso na contemporaneidade.

A fluidez e mobilidade reiteram o status de flexibilidade que reveste as novas condições políticas, econômicas e sociais, dotando-as de uma feição diferente daquela que compreendia o espaço como algo estático, definido e definitivo. Essa concepção sofreu significativas alterações para abrigar uma realidade em que fronteiras e limites estão mais voláteis, inseridos em uma conjuntura de deslocamento mais sintonizada com a pós-modernidade.

Percebo que estou querendo criar para mim um circuito doméstico na cidade, contrariando a evidência de que o meu bairro não é um bairro. Comemoro cada nova descoberta como uma pequena vitória contra a dispersão da cidade. (...) O que importa é a descoberta, como se a promessa de uma necessidade sanada pudesse me resgatar provisoriamente de meu estado de isolamento. Se precisar, já sei onde encontrar. É um caminho que se desenha entre dois pontos que antes não tinham conexão alguma. (VIDAL, 2009, p. 32).

A ficção contemporânea propõe que estar fora do seu lugar é uma necessidade circunstancial, implicando empregar esforço no sentido de se inserir, pois a inclusão reflete a dimensão da sobrevivência cultural ante uma realidade que se antecipa em recusa e rejeição.

O personagem, por meio de mecanismos inusitados, insiste em pertencer, investindo nessa busca que transita entre a angústia, a solidão e a insegurança, pois estes são reflexos da demanda emocional que consigo carregam os efeitos admitidos pela contemporaneidade a sublinhar a iniciativa que orienta para os encontros e os desencontros na perspectiva do acesso e da possibilidade de permanência, ainda que provisória, em um contexto que neutraliza e repele o diferente, o outro.

Idealizar um panorama cultural em razão de uma suposta linearidade equivale a romper a possibilidade de interagir com a alteridade e a diversidade, situadas no cenário contemporâneo, como condição a ser identificada e reconhecida por meio da tolerância e da solidariedade.

As recentes mudanças integram um processo de consolidação, por isso ainda não há garantias de que os fluxos migratórios sejam recepcionados sem as correspondentes reservas em relação a uma aproximação e aceitação, considerando-se que aí reside um investimento que implica incômodo em relação ao já estabelecido, cuja fadiga social requer uma superfície capaz de resistir às constantes oscilações e conflitos.

Experimentar a consciência da fragmentação, em vigor na contemporaneidade, é assumir que a realidade recente tem contornos bastante maleáveis, cuja dinâmica revigora-se de modo contínuo, superando a ilusão da estabilidade, da permanência e da solidez.

O perfil que privilegia a flexibilidade e a instabilidade consolida cada vez mais a dinâmica contemporânea relativa a todos os segmentos da experiência humana, considerando valores e práticas de comportamento como parâmetros distintos dos que até agora serviram de amparo às iniciativas de convivência.

O encontro, pautado pelo vigor da diferença, favorece a tolerância e o acolhimento, refletindo afetividades em meio às perspectivas de contradições e divergências que configuram as relações e relacionamentos na pós-modernidade. Alteridade e diversidade são flagradas na fluência de culturas que se movem pelo espaço geográfico contemporâneo.

Numa das vezes que fui à universidade, fui interpelada por uma moça oriental que sorriu como se me conhecesse. Fiquei envergonhada quando ela disse que já havíamos sido apresentadas. Poderia tê-la confundido com qualquer outra das tantas orientais que andavam pelo campus. Ela não pareceu se importar com minha desorientação e continuou falando, se identificando com um sorriso, *soy coreana*, num espanhol correto e ao mesmo tempo confuso. Embora pronunciasse as palavras com perfeição, havia algo na construção das frases que tornava a compreensão difícil, uma estranheza que na hora me fez pensar nos programas eletrônicos de tradução. (VIDAL, 2009, p. 33).

Alteridade e diversidade são dimensões que materializam vivências no nível do encontro e do desencontro, ilustrando o status de trânsito e mobilidade que o sujeito assume como exigência e determinação das circunstâncias motivadas pelo desequilíbrio que inspira a fluência, a fluidez, o desvio e a trepidação em torno das relações e dos relacionamentos que se desempenham na pós-modernidade.

O caráter plural da contemporaneidade reitera as múltiplas possibilidades relativas às experiências acerca da desterritorialização. Os diversos espaços associam-se a outros de natureza mais móvel numa composição estruturada por meio de espaços reais e imaginários, cuja integração reflete-se simbólica e funcionalmente, oferecendo um panorama diverso e complexo, determinando a intensidade em que se desdobram as convivências entre os sujeitos e entre estes e o meio no qual se inserem, consideradas todas as nuances de valores, ideias e ações que permeiam o cenário sociocultural.

Em *AL* a desterritorialização potencializa-se a partir das condições objetivas proporcionadas, particularmente, pelas tecnologias da informação, aumentando a agilidade e o alcance da dinâmica que envolve, por meio virtual, a mobilidade. "Faço tudo pela internet:

compras, mensagens, notícias. Descobri todo um universo *delivery* que torna a ida à rua quase desnecessária." (VIDAL, 2009, p. 149).

Fluxo e fluência, expandidos por meio de mecanismos tecnológicos contemporâneos, ampliam significativamente tal panorama onde aspectos democráticos e harmônicos contracenam com elementos da tirania intransigente, reiterando os inevitáveis paradoxos que sublinham a cena pós-moderna.

A desconexão prevalece. Escrevo emails a amigos contando acontecimentos, mas tudo soa falso. Atrás de cada frase, há uma pergunta que eu mesma não consigo responder. Um ponto de interrogação no final de todas as sentenças seria o mais apropriado; ou um desenho abstrato: uma linha reta que em algum momento se transforma numa espiral até formar o desenho de duas letras de cabeça para baixo. (VIDAL, 2009, p. 23).

Questionamentos e dúvidas flertam reiteradamente com o cenário de incertezas representado pelo contexto contemporâneo em que o sujeito se movimenta entre as contingências afetivas e materiais, sublinhadas por instabilidades de natureza existencial. Sentimentos e afetos caracterizam uma geografia movediça, cuja dimensão de permanência e estabilidade é rompida pelas angústias e inseguranças que os personagens protagonizam.

Tal redimensionamento, revelando a condição de desterritorialização, traz consigo os favores, mas também os rigores de uma realidade multifacetada, plural e complexa, admitindo a possibilidade da interação por meio das intensidades, das irregularidades encaminhadas pelo conflito que afeta a interação dos sujeitos entre si, bem como a convivência entre tais sujeitos e o meio em que se inserem, num processo contínuo de transformações.

A pluralidade que envolve a pós-modernidade é pressuposto para se interpretarem, na prática, os acontecimentos acerca das recentes inovações deflagradas na e pela sociedade humana. O contexto multifacetado é a expressão das frequentes mudanças e das possibilidades para construir uma mentalidade em que a diversidade seja um vetor orientado para a liberdade e a flexibilidade em diálogo com as noções de tolerância e inclusão, sem prejuízo das tensões e conflitos que caracterizam o avanço e a dinâmica das convivências.

Tais mudanças, no plano literário, repercutem como fundamento de uma iniciativa que busca tratar essas concepções como elementos avessos a qualquer idealização, inserindo, sim, nova plataforma de acontecimentos e fenômenos de feição distinta do que foi privilegiado pelo contexto iluminista.

Neutralizam-se, portanto, expectativas de caráter tradicional, que previam a consistência dos laços afetivos, mas agora dão lugar a contestações ou redimensionam-se para

abrigar novas posturas, assumindo posição menos utópica, ilustrada por contingências que ora evocam o abandono de velhas ilusões atestadas pela rigidez e pela estabilidade.

## CAPÍTULO II

### 2 A LITERATURA E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

O contexto contemporâneo reconhece os processos de identificação em vez da noção de identidade como algo definitivo, assim as perspectivas são corrigidas e orientadas para a ideia de sujeito transversalizado pelas fissuras de uma realidade mais móvel, flexível, que se inscreve no contexto das contradições humanas.

As divergências admitidas como reflexo das tensões e conflitos no âmbito contemporâneo se propagam para configurar um panorama complexo onde diversidade e alteridade se manifestam para contestar a configuração hegemônica, que já não se ajusta adequadamente à pós-modernidade.

Preliminarmente a identidade, no ambiente literário, é instruída pelos vínculos afetivos assumidos a partir da experiência adquirida pelos personagens que entre si compartilham o espaço territorial e todos os valores veiculados pelo contexto cultural no qual estão inseridas. Os entes literários vivenciam esse cotidiano por meio das práticas sociais, religiosas e afetivas, cujas vertentes culturais se enraízam, reiterando-lhes o caráter identitário que os determina em essência.

A compreensão acerca da identificação do indivíduo com o seu lugar de origem precipita-se por meio de experiência particular que inclui as relações entre o sujeito e o meio no qual se encontra, bem como resulta da interação com os demais sujeitos, sendo que a influência de tais considerações é que precede e preconiza o status de identidade que se estende, assumindo o seu caráter coletivo.

A intimidade que se efetiva na relação do sujeito com o território é um apelo que se vai elaborando progressivamente, mas de maneira intensa, levando ao reconhecimento de detalhes dessa experiência a partir das práticas simbólicas e de representação que o sujeito promove diante de si e dos outros sujeitos, ocupantes do mesmo espaço geográfico, sendo este o mediador das demais relações e experiências que se processam na dimensão da territorialidade.

A perspectiva de contínua formação rejeita para a identidade um caráter definitivo, pleiteando-lhe uma condição de fluxo, essência em curso ante a mobilidade ostensiva que a sublinha e norteia. Por isso é que falar em processos de identificação emite a fisionomia mais abrangente e apropriada para se referir ao trajeto que se deflagra e avança em direção às

diversificadas convivências admitidas ao longo da construção que envolve práticas e valores tão distintos quanto complexos.

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude. (HALL, 1992, p.10).

O conjunto formado pelas identidades individuais e nacionais absorvem as incidências que sublinham o contexto contemporâneo, consistindo em efeitos incisivos importantes quanto às noções de agilidade e flexibilidade em vigor na estrutura globalizada.

Mobilidade e instabilidade são manifestações que diretamente implicam a dinâmica do cotidiano uma vez que incluem o sujeito, o espaço físico e as contingências envoltas pelos componentes de natureza social, política e cultural. Os valores - convertidos em comportamentos, ideias e sensibilidades - promovem interações que se orientam para estimular os processos de identificação.

A busca para superar o contorno de rigidez e estabilidade, que o conceito de identidade veio assumindo até então, revela firme iniciativa em estabelecer pertinente diálogo com as exigências da realidade globalizada, considerando que os impactos daí derivados decisivamente afetam o sujeito e o território.

Os romances *As mulheres de Tijuapapo* e *Algum lugar*, sobretudo, reiteram reflexões acerca da visibilidade quanto à existência feminina, ancorada em uma plataforma de mobilidade, observando a questão da desterritorialização numa perspectiva estética que evoca a viagem e o deslocamento, cujos reflexos incidem sobre a condição do sujeito inserido num contexto sociocultural em que inequívocos aspectos identitários sofrem os influxos desse cenário, evidenciando-se que:

Por isso se movimentam, tomam a estrada, não se fixam, vão, voltam, buscam. A questão identitária que está posta nessa busca é vital para cada uma delas [...]. Pode-se mesmo dizer que sua identidade se faz no próprio movimento. Sua condição de passagem e transitoriedade, a busca incessante que as impele de um a outro lugar, talvez possa ser identificada à condição dos exilados. E aqui situo as personagens das narrativas dentro de um campo particularmente significativo, ao identificar a experiência das personagens com aquela que considero uma das mais representativas experiências contemporâneas, ou seja, a experiência da perda de referências fixas, do sentido da origem, e o imperativo da mudança e do movimento como uma constante que desestabiliza e intersecta os vetores da identidade. (SCHMIDT, 2008, p. 26).

Estamos diante das implicações resultantes de uma concepção fragmentária da subjetividade enquanto dimensão que exprime identidade. Agora, no espaço globalmente instituído, desfilam os impactos da dispersão e da diluição das identidades que se apresentam como noção mais móvel, flexível em face da ideia de processo mais coerentemente aceita nesse panorama pós-moderno. Garante-se assim a possibilidade da mudança face à disposição para o esvaziamento de um conceito cristalizado, previamente pensado em termos de estabilidade, permanência e tradição.

Alteridade e diversidade são instâncias que ampliam e complicam o caráter das tensões que afetam o contexto contemporâneo, favorecendo acentuado nível de conflito em torno de eventuais definições e conceitos em perspectiva maniqueísta. Não é possível pontificar se as circunstâncias que a pós-modernidade experimenta são vertidas numa perspectiva harmônica ou de rugosidades embora a natureza de contradição, que se opera a partir das individualidades e no nível dos grupos, oriente para a heterogeneidade das ideias e das relações.

A desterritorialização enquanto instância teórica se desdobra e se aplica aos recentes acontecimentos sustentados pela prática de movimentos realizados, por indivíduos e grupos, num processo contínuo de deslocamento que influencia diretamente as identidades.

Os inevitáveis intercâmbios implicam a potencialização do conflito, neutralizando traços de uma convivência pacífica e duradoura porque, entre outros componentes, a tensão se alia ao status de mudança que a sociedade contemporânea vem experimentando.

As nações centrais, detentoras da hegemonia intervencionista junto aos espaços geográficos periféricos, após decretar suas práticas exploratórias decidiram pelo abandono das áreas violadas como a se eximir de eventuais responsabilidades quanto aos processos de invasão ou indevida ocupação, do que derivam reconhecidas consequências.

Para além das interferências de ordem política, econômica e social, resta ainda a danosa atuação em termos culturais, resultando em efeitos devastadores quanto à dimensão identitária, cujos ruidosos prejuízos se manifestam nas práticas cotidianas de indivíduos e grupos sociais para quem é consequência inevitável a negação da própria identidade materializada em insegurança que compreensivelmente assume traços de exclusão e marginalização.

No entanto, nem só os aspectos dramáticos, motivados por contingências de natureza política, econômica ou social, contribuem essencialmente para projetar a dimensão material da circulação de pessoas e grupos que consigo carregam suas reservas culturais recheadas de elementos traduzidos em valores, sentimentos e expectativas, suas identidades enfim.

Há também uma motivação subjetiva, interna, cuja densidade se fortalece pelo desejo e pela tentativa em aderir a espaços identitários onde as contingências favoreçam a troca de valores culturais, validando a possibilidade de interação que cresce na pós-modernidade, aliando-se a outros fatores contemporâneos os quais se convertem no tecido que ampara as iniciativas desterritorializadoras numa demonstração de ruptura com o perfil homogêneo da plataforma social até então mantido como referência de estabilidade.

No intervalo, me apresento e então fico sabendo que Pablo é de Córdoba, que saiu da Argentina há oito anos e fez o doutorado em Nova Iorque; que recentemente conseguiu esse trabalho; que ainda está se acostumando com a cidade; que seu namorado gostaria de voltar e, se ele não for, não sabe se ficará. Conto também minha breve história na cidade. A ligação se dá rapidamente, como se tivéssemos um passado em comum. Como se uma falha em algum lugar da história, quem sabe um desses fracassos que ele definiu, pudesse explicar o destino dele e o meu, o encontro nessa cidade e - por que não? - pudesse nos aproximar. (VIDAL, 2009, p. 93).

Estrangeiros em circulação pelo mundo reconhecem a situação de trânsito que afeta valores e sensibilidades, admitindo que as diferenças culturais se processam produzindo choques naturais. O impacto desses encontros e desencontros, no entanto, favorece a reflexão quanto ao comportamento dos aspectos identitários de um sujeito situado em meio a um panorama que exige novos componentes para construir uma eventual adaptação.

Não é apenas a irrefreada expansão do consumo de bens, mercadorias e serviços que se estende como marca da economia praticada nos limites da contemporaneidade. Situada em estágio similar está a extensão que contempla as possibilidades de interação das pessoas entre si; entre elas (as pessoas) e o espaço ou entre as ideias e as práticas como experiências extraídas de vivências e convivências.

A ênfase no potencial crescente dos fluxos migratórios, inseridos no contexto da pós-modernidade, embora não desconsidere o viés de conflito, confere um caráter de liberdade aliado à dimensão interativa que se articula em consequência do panorama globalizado, traduzindo-se em prática consequente e efetiva dessa ideia recente que orienta para os processos de identificação.

Você sonha que está no Rio. Está andando de noite por uma rua familiar. Reconhece seu prédio, embora não tenha nada a ver com o verdadeiro. O resto é totalmente estranho, mas você não se sente perturbada, pelo contrário. Sente que, por mais que nunca tenha visto essas construções antes, elas fazem parte de um cenário conhecido para você, talvez de alguma outra cidade, de alguma outra rua que percorreu um dia. Você diz isso a M, que anda a seu lado: conheço tudo isso, mas não sei de onde. (VIDAL, 2009, p. 31).

A mobilização de fluxos, reafirmando a flexibilidade de pessoas e grupos dispersos ao longo dos espaços geográficos, define a formulação plural de um panorama de conhecimentos e experiências práticas em que participam a alteridade e a diversidade, destacando-se a busca reiterada pela liberdade de convivência.

Esse processo de fuga para exercício contínuo da desterritorialização funde conceito teórico e aplicação cotidiana, cujos resultados se exibem por meio de feições elementares, mas também complexas, que saúdam o status criativo elaborado por componentes da ousadia e da sensibilidade.

A protagonista-narradora de *MT* agoniza em meio ao desespero da identidade fraturada, cujas carências e negações evidenciam a crise em torno do sentido de pertencimento pelo qual é afetada.

O cenário de questionamentos e incertezas, deflagrado como energia mobilizadora da dinâmica contínua, enfatiza o viés de permanente mudança que se opera no espaço e no tempo, reiterando a transformação que afeta e é afetada nos limites e domínios da pós-modernidade.

Imergir no próprio eu é uma iniciativa adotada por Rísia, que se lança em furiosa perseguição às origens, buscando resgatar componentes identitários capazes de (re)editar as raízes que lhe sustentam o reconhecimento como sujeito integrado ao contexto contemporâneo.

Fundamentos e princípios, estruturadores da recente concepção de mobilidade e deslocamento, apresentam um estado limítrofe, cuja transitoriedade efetiva argumentos significativos e pertinentes quanto à instabilidade que ilustra e traduz as complexas experiências vividas no âmbito da contemporaneidade, propondo e admitindo que:

Rísia, no nevoeiro de si, em suas lembranças, procura apalpar algo que seja uma essência, procura conhecer-se. Nesse percurso de busca pela identidade, encontramos a personagem sempre em estados fronteiriços, em estado de indagação: “Eu desde lá sou perdida, uma pessoa perdida que não se parece, que se retira somente. Eu...” (MT, p. 98). Há nas palavras de Rísia a percepção de uma espécie de perda de sentido de si, o que Hall denomina de crise de identidade. Esta crise é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (MACHADO, 2014, p. 10).

Posicionada num plano da espacialidade em que não reconhece os traços da própria identidade, a protagonista de *MT* agoniza em função do rigoroso estranhamento territorial e cultural ao qual está submetida. O sentido de desterritorialização se intensifica ao mesmo

tempo em que o desafio de se reterritorializar amplia-se em níveis magníficos ante a impossibilidade de interpretar os novos dados socioculturais diante dos quais se encontra.

O abandono das raízes implica fuga para o encontro com a alteridade e a diversidade, significando preliminarmente a perda ou a fissura da identidade que se reconstitui progressivamente na medida das interações subjetivas, assentadas sobre o viés da pluralidade.

O caráter abstrato dessa condição evidencia os paradoxos que envolvem identidade, espacialidade e temporalidade, superando dimensões conceituais consideradas até então. Identidade como algo fixo, permanente e definitivo exibe-se como utopia; espaço e tempo submetem-se às contingências que comprimem e reduzem os aspectos extensivos da realidade contemporânea em curso.

## **2.1 A ficção contemporânea e os aspectos identitários**

Aspectos de gênero, nacionalidade e identidade são componentes essenciais no contexto dessa discussão a indicar o aperfeiçoamento de uma cidadania que ainda se distingue e se classifica por meio de hierarquia equivocada, admitindo os "reparos" que as autoras contemporâneas aplicam por meio de pertinente revisão, situando a literatura em um plano avançado de democratização aliado a uma visão de mundo que reconhece e destaca a diversidade e a alteridade como dimensão licitamente heterogênea requerida pela cultura mundializada.

Nesse sentido, ao problematizar, por meio de uma narrativa desestabilizadora, políticas identitárias que permeiam as visões do mundo contemporâneo, Felinto, assim como outras escritoras contemporâneas, privilegia uma escritura da atualidade em termos dos movimentos transnacionais que é inevitavelmente perpassada pela perspectiva de gênero, contribuindo assim para interrogar, de forma incisiva, várias práticas discursivas da contemporaneidade. Essa e outras narrativas da diáspora de autoria feminina revelam a possibilidade de se refletir sobre e problematizar, por meio da literatura, o papel das mulheres no atual cenário social e geopolítico e a consequente feminização da globalização e da diáspora contemporânea. (ALMEIDA, 2006, p. 13).

A cena contemporânea é permeada de rigor e complexidade, configuração diante da qual resistência e superação fundamentam vias alternativas que a protagonista de *MT* percorre para se expor ante os desafios que a espreitam, concentrando coragem e vigor para orientar a viagem de retorno às origens, às raízes que sustentam sua identidade. O esforço em torno do resgate de aspectos identitários surge como possibilidade para recompor valores e práticas

orientadores da postura que o sujeito assume ante a diversidade e a alteridade, considerando as marcas contemporâneas.

A viagem de retorno reflete, sobretudo, os contornos que efetivam a reterritorialização, apontando para o reencontro com a identidade fraturada, passaporte para transitar pelo passado sem nele agonizar, apenas extraindo os componentes necessários para reafirmar que Tijucopapo se converte e materializa na Canaã, terra prometida.

Como referencial simbólico da contemporaneidade, Tijucopapo chancela iniciativas do feminino, entre lutas e conquistas, revogando as utopias para propor um panorama no qual a realidade efetivamente se estrutura por meio das intensidades vertidas a partir de atos e afetos humanos. "O fato é que aqui vou eu, mulher sozinha pela estrada. Meu começo ficou lá para trás serras e serras. Tive de vir. Saí porque não havia um lugar sequer que me coubesse (...) Saí porque quase perco a fala na grande cidade." (FELINTO, 1982, p. 78).

Indivíduos e grupos assumem o risco de migrar, experimentando nessa viagem o teor da instabilidade que tal iniciativa pressupõe quando os posiciona ante o desafio, cuja implicação mais imediata é um inevitável processo de desterritorialização. Tais deslocamentos evocam motivações diversas e rigorosamente ativam o teor da crise vinculada aos processos de identificação.

A viagem compreende exercício de busca orientado para o encontro, mas inclui o potencial do desencontro, também ruptura e até mesmo a perda de vínculo que afeta o quadro de pertencimento, reconstruído a duras penas em face de uma necessidade subjetiva, enfatizando que "Os problemas, ou melhor dizendo, as crises no processo de compreensão/construção da identidade aumentam quando pensamos em sujeitos inseridos em determinadas situações como, por exemplo, a migração." (SANTOS, 2005, p. 5).

O sujeito contemporâneo transita em espaços identitários bastante voláteis uma vez que o status de identidade por ele assumido regularmente se submete a interações as quais efetivam o seu contorno de diversidade. As possibilidades e, ao mesmo tempo, as necessidades de deslocamento orientam para essa dimensão sublinhada pela pluralidade, implicando o que Hall define como *tradução*, termo utilizado para evidenciar as faces múltiplas de experiências motivadas na e pela contemporaneidade como reflexos dos intensos fluxos que continuamente se operam, estimulando os processos de identificação.

A transversalidade de elementos culturais, que concorrem para caracterizar essa heterogeneidade em nível global, privilegia a mobilidade, o trânsito e a continuidade em detrimento da rigidez e da estabilidade, que fixa e cristaliza valores e ideias. A dinâmica, pela qual estão envoltos sujeito e território, consagra a mudança a partir de práticas mentais e

comportamentais traduzidas na revisão de conceitos, gestos e atos em conformidade com o panorama contemporâneo.

O caráter transitório e flexível reflete de modo consistente a respeito das condições que envolvem aspectos culturais identitários. O reconhecimento da instabilidade assentada sobre uma "superfície líquida" assegura um cenário de contínua construção e permite afirmar acerca da existência de processos de identificação em oposição a um status de estabilidade e permanência em que vigoram fixidez e definição como marca de completude, instaurando a subjetividade total. Ao invés de identidade como forma plena e total, há processos de identificação, que embora pontuais, são também processuais e, por isso, instáveis. (SANTOS, 2005, p. 3).

O viés de ruptura, em relação a um panorama de ideias e práticas cristalizadas adotadas na modernidade, impõe-se como determinação contemporânea, propondo aspectos da desterritorialização que favorecem a transição entre um comportamento que garante valores identitários fundamentais sem que a possibilidade de negociação, em face de elementos culturais distintos, também seja privilegiada.

O ideal de uma postura inclusiva se fortalece na pós-modernidade, buscando amenizar o impacto das contradições causadas pelo notório estilhecimento político, econômico e social do panorama contemporâneo, com evidentes repercussões na dimensão identitária do sujeito.

As pressões, fissuras e fragmentações assimiladas, identificam que mentalidades e comportamentos contemporâneos estão dotados desse teor de instabilidade, o que favorece o caráter de superposição, propondo acolhimento e rejeição, iniciativa situada entre a delicadeza e o rigor que envolve o paradoxal contexto pós-moderno, valorizando a divergência como potencial de transformação.

Me afasto do Civic Center e vou em direção ao leste no corpo a corpo com as ruas, os grafites, os mendigos, uma cidade como qualquer outra, penso, São Paulo, México, Caracas. (...) É de dia, no entanto, mais um dia ensolarado na cidade, e me sinto bem andando por essas ruas, então sigo pela São Pedro e logo começam a aparecer alguns cartazes escritos em japonês. Estou em Little Tokio. Na esquina da São Pedro com a 2nd, mais uma plaza que abriga um jardim japonês. Como costuma acontecer em Los Angeles, as coisas não se harmonizam; o mundo em miniatura, delicado, de pequenas pontes sobre a água corrente, se adapta mal ao entorno de prédios comerciais. Mais adiante, na 1st, o Japanese Village Plaza, que é um centro comercial como qualquer outro, só que com vários restaurantes e lojas de produtos japoneses. Escolho um e, sentada no balcão em frente ao sushiman, peço um menu de arroz com sashimi. (VIDAL, 2009, p. 79 e 80).

Ressaltam-se aspectos da cultura mundializada. A fusão das heterogeneidades em forma de referências que apontam para a universalização dos valores e práticas. Tantos aspectos culturais fortalecendo a perspectiva da interação, supostamente propondo eventos de

aproximação e acolhimento, mas ao mesmo tempo se lançam pressentimentos que configuram ruptura e rejeição, realçando a sensação de fratura em torno de questões identitárias.

A dimensão transnacional que flui a partir de *Algum lugar* confirma aspectos que os personagens vivenciam na perspectiva em que as identidades se lançam na contemporaneidade. A noção de que a língua, a crença religiosa e outros componentes culturais devem ser preservados como elo de resistência e proteção paradoxalmente dialoga com a convicção contemporânea de que tais elementos são afetados pela frágil substância humana em forma de insegurança e conflitos existenciais na medida das interações transculturais.

Com um viés de natureza nacional, o romance *As mulheres de Tijucopapo* destaca a condição de migrante e situa a protagonista Rísia em meio a um turbilhão, no qual as mudanças são de tal modo intensas, que repercutem como o impacto de flechas projetadas contra o corpo e a alma da narradora. O romance expõe o dilaceramento da identidade que num processo de resistência e insistência busca se recompor, mas sem poder prescindir dos rigores que incidem sobre esse processo.

Rísia cria para si uma identidade. Não uma identidade harmoniosa, centrada, que responderia coerentemente aos estímulos externos, mas uma identidade descentrada, contraditória em si mesma. Chega a essa construção num processo lento e sofrido. Sua trajetória do Recife para São Paulo foi o palco de sua transformação, ou construção. (...) Mas é na trajetória reversa, de São Paulo a Recife, e finalmente a Tijucopapo, que Rísia assume a sua identidade e parte para atuar conforme os valores que ela vai descobrindo e abraçando. Não é por acaso que a trajetória às origens dura nove meses. É exatamente esse processo gerador de identidade, que já tinha sido percorrido na ida, que se realiza completamente na caminhada reversa. (GONÇALVES, 2001, p. 11).

Após desterritorializar-se, a busca por uma reterritorialização é sublinhada por angustiantes e severas tentativas, mas é pela margem que essa procura das origens se inicia. Assim como Rísia, outros personagens do romance interagem em busca dessa (re) construção, realçando o contínuo de um processo de identificação, mas é em Rísia que estão concentradas as incursões simbólicas acerca das reflexões quanto à condição de pertencimento que se deflagra.

A crise de identidade impõe-se em tantos momentos que o paradoxo entre a afirmação da ancestralidade e a negação da importância de sua origem consagram à protagonista de *As mulheres de Tijucopapo* um espaço onde o conflito se insere como ingrediente salutar de uma contradição típica da pós-modernidade, cuja disparidade dialoga

com a natureza lógica e linear que se manifesta de modo tênue e incisivo, revelando intensidade e delicadeza porque:

Minha mãe tinha perdido todos os contatos com o verdadeiro de si mesma. O último originário de mamãe se apagou com os raios da lua na noite de luar em que ela foi dada. Tudo de mamãe é adotado e adotivo. Minha mãe não tem origens, minha mãe não é de verdade. Eu não sei se minha mãe nasceu. (FELINTO, 1982, p. 47).

A ideia de negação e perda traduz-se em contorno dramático porque se refere à essência daquele que assume uma posição de indignação em face do processo de escassez e carência de valores imateriais. A supressão de referências afetivas corresponde à inexistência de amparo e proteção, e essa ausência de abrigo e aceitação compromete a dimensão identitária da personagem.

A perspectiva de interação do sujeito contemporâneo com a alteridade e a diversidade reafirma um caráter comparativo de extrema relevância, pois o que não faz parte de mim deve estar no outro, que é referencial sintomático de identificação. A individualidade não é o pressuposto da existência, pois o que não é parte de mim, não se confirma como inexistência porque deve estar além ou aquém, como extensão e complemento de um todo.

Tal interação amplia a possibilidade de o individual e o coletivo tomarem parte na construção dos processos de identificação, pois "Quando se busca a si, encontra-se o outro, pois só diante do outro podemos nos identificar, pela semelhança e diferença. A identidade individual é marcada pela pertença do sujeito em uma determinada cultura." (SANTOS, p. 19).

A condição de pertencimento é inerente ao sujeito, cujos processos de identificação se viabilizam e fortalecem a partir de um sistema de relações e convivências realizadas no cotidiano em meio ao desempenho de interações diversas que se efetivam por meio de reiteradas práticas, cujas referências mais imediatas envolvem a territorialidade, a diversidade e a alteridade, sendo tais componentes definidores para que as experiências relativas ao processo de desterritorialização sejam interpretadas e consumadas como substância e valor coletivo na perspectiva de uma mentalidade heterogênea e inclusiva.

O potencial das marcas identitárias se pronuncia em *Algum lugar*, refletindo ao mesmo tempo o vigor e a fragilidade das referências patrimoniais de uma cultura afetada pelas intervenções derivadas de contingências das inevitáveis transformações ao longo do espaço territorial. Registros de fraturas existenciais incidem sobre aspectos da identidade de uma cultura em processo de interação a demonstrar trocas circunstanciais convertidas em constatação do apelo contemporâneo.

Pouco a pouco a cidade e a riqueza foram se dirigindo para o mar e sobraram ali alguns simulacros de origem, uma igreja, uma rua, uma praça, alguns mexicanos que tentam tirar proveito dessa pré-história e da força da língua, marca que não se apaga. Ali como em qualquer outro canto da cidade, o espanhol dá provas de sua resistência: La placita, Sepulveda House, Avila Adobe, Merced Theater. Uma arquitetura com sotaque, por mais que quase nada tenha sobrevivido. Tudo derrubado para que no seu lugar surja algo maior, mais alto, mais imponente. A vontade faraônica está por toda parte, nas supercatedrais, nos megamuseus, nos arranha-céus. (VIDAL, 2009, p. 79).

A insistência do sujeito em resgatar as próprias origens, compreende firme reação ante a condição submissa e constrangida, confinada em isolamento histórico a exigir libertação a partir de ruptura que determina a quebra de "algemas" para se insurgir contra o desmando e a opressão, por meio de questionamentos e reflexões lançados contra uma realidade social perpassada pela insegurança e pelo desamparo.

Um aparente cenário de frustração e fragilidade se estabelece em torno da protagonista de *MT*, mas Felinto, por meio de Rísia, agarra-se a um símbolo do maior valor para quem busca conferir identidade e resistência a um indivíduo ou grupo. Assim é que a partir de *Tijucopapo*, o espaço simbólico converte-se em dimensão que se propaga como definição de atitudes, gestos e comportamentos.

Tijucopapo (...) figura na mitologia pernambucana como símbolo de resistência. Em 1646, durante a invasão holandesa a Pernambuco, sem ter o que comer, os flamengos da Nova Holanda invadiram a pequena vila de Tijucopapo, hoje município de Goiana, a 63 quilômetros de Recife. Conta a lenda que, sem armas de fogo, as mulheres do lugarejo enfrentaram a tropa com panelas e pimenta e venceram a batalha. Mas é como um espaço simbólico que Tijucopapo vai-se desenhando ao longo do texto. Primeiro como um espaço original, misterioso, primordial, de onde nasceu a linhagem feminina da protagonista. (ALMEIDA, 2006, p. 7).

Sujeito e espaço geográfico ofertam a matéria-prima indispensável para as considerações acerca dos processos de identificação. Entre o perfil idealizado e a realidade consolidada estão impressas valiosas reflexões estruturadas entre as dimensões histórica e mitológica, em correspondência com a criação literária que justifica o potencial artístico e criativo, mas fundamentalmente a decisão de promover pertinente diálogo com aspectos essenciais do panorama contemporâneo.

## **2.2 Fator de identidade entre a manifestação e o silêncio**

Entre os componentes culturais, a linguagem é fator de identidade que supera o status de matéria-prima da comunicação e se habilita à condição de expoente para o pleno exercício

da cidadania, alargando as fronteiras do pertencimento. Integrar-se ao contexto da contemporaneidade implica interagir e experimentar a convivência em meio à diversidade, cujas contradições e divergências pressupõem tolerância vivenciada nos limites de uma prática inclusiva, de compreensão e acolhimento da alteridade, que se expressa via linguagem.

Percebemos, desta forma, que a língua menor caracteriza um procedimento revolucionário dentro de qualquer língua, uma subversão do seu uso representativo que sempre se coloca a serviço de um determinado poder institucional ou de uma ideologia nacional. Trata-se então de uma língua que abole a retórica auto-afirmativa, o bem falar, o lado doutor da linguagem, como diria Oswald de Andrade, e assume o lugar da diferença dentro da língua, o sotaque, o acento, o uso estrangeiro e desfamiliarizante da própria língua, o gaguejar e a opção pela pobreza e pelo jejum de articulação. (SCHOLLHAMMER, 2009).

Por isso a linguagem é compreendida como elemento identitário que qualifica a cultura, fortalecendo a ideia de consciência crítica e de prática cotidiana em favor dos processos de identificação que ora a pós-modernidade destaca e encaminha. Com ALVES (2013) conclui-se que a questão do pertencimento depende de um fator fundamental: a linguagem; entendida aqui não só como um conjunto de componentes linguísticos, mas como um veículo de cultura. Aprender uma língua significa então, nesse patamar, entender uma cultura e incorporá-la para que a convivência seja estabelecida de forma substantiva.

O ato de escrever, mais que um ato de resistência, é um gesto de sobrevivência por meio do qual a linguagem se impõe como companhia. Mas não é só isso porque a existência fora da linguagem é uma ilusão. Manifestar-se de modo autônomo, com fundamentação e argumento, só é possível por meio da linguagem.

Portanto a escritura é mecanismo que fundamenta reflexão e discussão, via pela qual o debate se consolida, particularmente quando a realidade social se encontra ordenada de modo excludente, privilegiando categorias ou indivíduos. A linguagem, como efetivo instrumento de luta, proteção e amparo, ganha reconhecimento por meio da afirmação segundo a qual Felinto ressalta:

Eu escrevo porque desde cedo precisei encontrar uma companhia mais segura do que a companhia humana, um lugar mais seguro do que as cidades. Talvez minha solidão fosse maior do que poderia suportar sem uma ‘terceira perna’, como se diz. (FELINTO, 1998).

Tanto em *MT* quanto em *AL* a linguagem como componente da identidade representa o caráter de correspondência, potencial ou efetiva, que permeia ambos os romances, refletindo acerca da posição geográfica que o sujeito contemporâneo ocupa, inferindo um distanciamento e a busca de aproximação entre o remetente e o destinatário a confirmar uma

realidade de deslocamento em que saída e retorno conferem a dinâmica pós-moderna, materializada em práticas migratórias que carregam consigo todas as implicações desse movimento.

Pelo correio chega um envelope amarelo. Não reconheço a letra e a carta não tem remetente. Deixo-o sobre a mesa da sala, como se não fosse para mim. M pergunta se não vou abri-lo, mas não respondo. Temos nos falado pouco nas últimas semanas(...). Nosso desejo de comunicação está todo concentrado nesses estímulos. M não insiste sobre a carta e a deixa exatamente onde a coloquei. Alguns dias depois a abro. Encontro um cartão retangular, também amarelo, com uma mensagem de algumas linhas. É Luci que ficou sabendo do nascimento do bebê. Diz que está contente com a notícia e que viu a foto dele no site da maternidade. *Los bebés occidentales me parecen raros, escribe, pero el tuyo es muy bonito.* (VIDAL, 2009, p. 150).

Como um fio condutor das contingências que se operam ao longo do romance, a missiva, articulada pelos componentes da linguagem, se revela como manifestação inconclusa, tentativa em processo, construção em andamento. "Essa carta que vou mandar, eu queria que fosse língua estrangeira, assim as pessoas não entenderiam exatamente. E assim os fatos seriam mais mundiais, não é? Código de guerra." (FELINTO, 1982, p. 23).

A linguagem se destaca como código viável e legítimo para pronunciar a consciência crítica, sem desconsiderar a interpretação das possíveis contradições humanas ante a contemporaneidade. No entanto a sua natureza carregada de símbolos e significados traduz correspondência estrita com aspectos identitários primordiais ainda que estes sejam afetados pelos influxos contemporâneos, o que implica interpretar e assumir a incidência das inevitáveis fraturas que relações e relacionamentos admitem nos limites do contexto contemporâneo.

Entre os componentes que asseguram a essência da identidade está a linguagem, vivenciada por Rísia, como fator que oscila e vacila, demonstrando ansiedade, apreensão e insegurança por parte da personagem. Tais sintomas são considerados, no processo de identificação, porque reflete a transitoriedade, a passagem que se opera entre instâncias distintas, também expressa a trepidação das ideias e do comportamento envolto por contradições e divergências diante da alteridade.

A linguagem praticada por Rísia caracteriza-se por um aspecto obtuso, eivado de repetições e tropeços, afetado por visível dilaceramento social, mas evolui em direção a um patamar de elaboração que se converte em pronunciamento consistente, demonstrativo de um percurso, no qual limites e fronteiras servem apenas de balizadores a serem superados, assim

como toda a sorte de outras limitações e obstáculos que são ultrapassados nessa trajetória de lutas e conquistas.

Com Gonçalves (2001) vimos então que a trajetória de Rísia, como processo de formação de sua identidade, está intimamente relacionada com a linguagem. Da mudez e gagueira ela chega a um discurso poético e trabalhado, mostrando que na verdade, mesmo no caos que é o delineamento da personagem pós-moderna, há um caminho a ser percorrido, caminho este que em *As mulheres de Tijuco Papo* é caracterizado pelo próprio domínio estético da linguagem.

E durante muito tempo em menina fui gaga e magra. A história de minha gagueira é longa e triste. É muito ruim ser pobre porque pode-se de súbito ser um gago ou um magro. A história de minha magreza... eu era tão magra que me chamavam Rísia Popeye. Quando mamãe nos contou sobre papai e tia, eu fiquei gaga de novo. Agora eu já não gaguejo mais, agora eu emudeço de vez ou falo direto em língua estrangeira. Ou vou-me embora. Mas não poder falar, ser gaga, é um verdadeiro corte, é o sinal mesmo da ruptura, é o espanto maior de todos. Ser gaga, então, me calava muito. Eu já fui uma verdadeira muda. (FELINTO, 1982, p. 57).

O discurso fraturado, entrecortado pela gagueira, reafirma a dimensão instável que expande a sensação de abandono a confirmar os versos da canção popular, segundo os quais "Há tempos o encanto está ausente, e há ferrugem nos sorrisos. Só o acaso estende o braço a quem procura abrigo e proteção" embora o amparo de si mesma não seja a exclusiva motivação de Rísia.

Mas as atitudes e pronunciamentos de Rísia se estendem para alcançar os demais entes que, como a personagem, experimentam os rigores da indigência material e emocional em flagrantes de sofrimento e dor que ilustram o panorama que se estrutura com elementos do desequilíbrio vivenciado na sociedade contemporânea, materializado por injustiças e descasos.

Em nível estético-literário, a linguagem fundamenta uma iniciativa situada entre o questionamento e a inovação, prática sublinhada pelos quesitos da transgressão e (r)evolução que bem ilustram a literatura contemporânea. As menções e citações articuladas nos romances *As mulheres de Tijuco Papo* e *Algum lugar* são considerações que favorecem e fortalecem as reflexões quanto à importância da manifestação do sujeito contemporâneo, via linguagem, confirmando a relevância desse componente nos processos de identificação.

A desterritorialização literária ampara e é amparada a partir dos contornos de personagens forjados sob a perspectiva da contemporaneidade em que a dimensão da identidade pressupõe consciência entre a coerência e o paradoxo que se estende para alcançar

condutas, gestos e movimentos numa demonstração ampla da desagregação estrutural, da corrosão da linearidade como subversão de uma lógica anteriormente estipulada.

A linguagem é o vetor a partir do qual a literatura, com sua força de "máquina", projeta destacado nível de liberdade que favorece as conversões e transformações, avançando para o diálogo com os componentes da realidade concreta. O potencial da obra literária é demonstrado pela criatividade que se funde às reflexões críticas, admitindo o vigor derivado do plano artístico como reflexo social, político e cultural do espaço geográfico em que o sujeito, inserido ou marginalizado, se pronuncia.

Menor é aquela prática que assume sua marginalidade em relação aos papéis representativos e ideológicos da língua e que aceita o exílio no interior das práticas discursivas majoritárias, formulando-se como estrangeiro na própria língua, gaguejando e deixando emergir o sotaque e o estranhamento de quem fala fora do lugar ou de quem aceita e assume o não-lugar como seu deserto, na impossibilidade de uma origem. Assim, o escritor ou o artista não precisa efetivamente formar parte de uma minoria, basta encontrar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio patoá, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto. (DELEUZE, GUATTARI, 1977, p. 28-29) para assumir a prática menor. (SCHOLLHAMMER, 2009).

Assumir a humildade para driblar a submissão, mais que um artilho fabuloso é uma estratégia sutil. A engenhosidade na aplicação que a prática literária assimila por meio da língua, confere a possibilidade de que esse componente identitário, para além de sua dimensão artística, seja convertido em expressão política de amplo relevo. Admitir-se "menor" é um mecanismo para apresentar o vigor e o alcance em perspectiva cotidiana, de uma realidade que inclui o sujeito e as mais concretas contingências que o envolvem.

A experiência cultural, comprometida com a realidade cotidiana, se inspira na força da língua aplicada como instrumento de aproximação e compartilhamento. As diversificadas aquisições, a partir das relações estabelecidas ao longo do espaço geográfico, se inserem na perspectiva de uma determinação contemporânea. Então a produção literária se exprime como demonstração fértil de criatividade e também como intensidade política e ideológica que concorre para a formulação da consciência crítica, resultando em dignidade ao redor de práticas nas quais o sujeito contemporâneo toma parte.

## CAPÍTULO III

### 3 FICÇÃO CONTEMPORÂNEA E MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS

Os romances, ora utilizados como fundadores da presente dissertação, apresentam personagens e acontecimentos que consideram a perspectiva da viagem como iniciativa dinâmica que afeta a realidade na qual estão inseridos. Apreciadas as contribuições ficcionais, destacam-se as contradições e os rigores vivenciados pelos personagens que interagem ao longo das narrativas.

Vale a pena confrontar o perfil das práticas migratórias para melhor interpretar e compor um entendimento do que representaram tais movimentos na dinâmica de eventos ao longo da história humana. Tensões e conflitos sempre estiveram na base desses deslocamentos porque, via de regra, são fenômenos em que os componentes envolvidos possuem a dimensão do símbolo e do significado.

*AL* e *MT* são dimensões ficcionais que exibem personagens, espaços geográficos e o conteúdo cultural inserido em tais contextos. Valores, sentimentos e práticas absorvem os influxos e repercussões de um ambiente heterogêneo, cuja complexidade implica consequências que exigem capacidade de negociação dos atores envolvidos para administrar tensões e conflitos com aplicação de bom senso e conformação harmônica, o que as contingências históricas muito têm ensinado acerca de eventuais improbabilidades.

As práticas de civilidade encaminhadas pelas noções adquiridas de cidadania têm contribuído para uma progressiva, mas ainda lenta e insipiente revisão de atitudes e conceitos capaz de reelaborar gestos e comportamentos humanos que se convertam em reflexos orientadores de atos efetivos, é o que os textos ficcionais de Vidal e Felinto acolhem para expandir como pertinentes reflexões acerca do contexto contemporâneo, considerando eventuais vínculos históricos.

A história da humanidade se confunde com a história dos movimentos migratórios. Há vinte mil anos atrás o homem, originário da África, já ocupava a maior parte do globo terrestre. Foram os movimentos migratórios que originaram todas as nacionalidades e forjaram a identidade de cada nação ao longo dos tempos. Desde sempre o impulso migratório humano tem sido determinado por fatores diversos, como cataclismos naturais, invasões colonizadoras e migrações forçadas, sendo as duas últimas as mais violentas e cruéis, gerando a decadência de civilizações e a escravidão. (BATISTA, 2009, p. 1).

Contemporaneamente, no entanto, sentimentos e impressões comprometedores

articulam uma mentalidade que interpreta como potencial ameaça a dinâmica representada pelos fluxos migratórios, transformando o deslocamento de grupos e pessoas em algo similar a demandas bélicas instauradas nos espaços urbanos. "A cada noite o sonho americano vai ficando mais obscuro e sua agonia mais profunda, mais evidentes os medos e os preconceitos, a opressão e a violência ocultos atrás de uma miragem." (VIDAL, 2009, p. 57 e 58).

Contra a suposta invasão, o contra-ataque se manifesta por meio de reincidentes e graves demonstrações de intolerância, temperada com ingredientes igualmente explosivos como discriminação, rejeição e marginalização que reiteram cada vez mais a instabilidade quanto às relações de convivência em um contexto globalizado.

Em *MT*, Rísia assume a condição inquieta e deslocada ante a perspectiva da rejeição e da exclusão, experimentando em sua trajetória a reincidência desse sentimento, que a impede de se inserir, de pertencer. Entre "obstáculos atormentadores" e uma invejável disposição para ultrapassá-los, a personagem segue, se lança em ritmo imperfeito, trôpego, mas acelerado ao longo de vias e rodovias.

A protagonista anônima do romance *Algum lugar* reforça o status de um sujeito à margem, deslocado, em sua iniciativa de superar as fronteiras do território nacional para se lançar rumo ao encontro da alteridade e da diversidade. As barreiras culturais vivenciadas, aliadas às contingências de natureza afetiva e psicológica também reafirmam esse conflito.

O entre-lugar é o espaço que se reserva à protagonista-anônima desde o aeroporto até a universidade, incluindo outras instâncias geográficas, ocasião em que atitudes e gestos de rejeição e marginalização se pronunciam com veemência em flagrante indicativo dos sintomas da falta de acolhimento e solidariedade que incide sobre o cenário sublinhado pelos deslocamentos.

Há um abismo entre presente e passado, como se o tempo não quisesse se deixar preencher por nada, resistindo a se transformar em conteúdo de lembrança. Busco na memória imagens da chegada em Los Angeles, do apartamento alugado, dos roteiros pela cidade. As datas se confundem. Não me lembro exatamente em que momento conheci Luci. Quantas vezes fomos a Santa Bárbara? Em que mês M partiu? (...) Consolo-me pensando que essa precariedade é própria da memória; mas será que aos poucos as imagens voltarão ou, ao invés disso, irão sendo paulatinamente empurradas para mais fundo, num lugar irrecuperável? (VIDAL, 2009, p. 128).

Os romances consideram a saída, o trânsito e a tentativa de inserção dos personagens em espaços distintos do contexto contemporâneo. A dinâmica que envolve a viagem em *MT* e *AL* confere possibilidades e desafios, revelando divergências e contradições dessa empreitada que contorna o destino do sujeito na contemporaneidade. Questionamentos e indefinições sublinham o deslocamento dos personagens e todas as circunstâncias daí derivadas.

Um longo salto no curso da história humana evidencia a continuidade dessa condição de deslocamento em processo quando em "A triste partida", Patativa do Assaré brinda o cancionero popular com a precisão dos versos: "Nós vamos a São Paulo que a coisa tá feia, por terras alheias nós vamos vagar, se o nosso destino não for tão mesquinho, pro mesmo cantinho aí nós torna voltar...", cuja preciosidade estética se encerra no fato de transpor a realidade trágica de grande parte da população nordestina para exibir o teor vigoroso da dimensão transnacional com status de desterritorialização.

Saída e expectativa de retorno nutrem esperança e dor nessa trajetória que se estrutura entre o real e o ideal; entre o obstáculo e a superação; entre o estranhamento e o ordinário de um panorama ao longo do qual o sujeito se move, se desloca em busca de conquistas e sonhos sem neutralizar as rigorosas experiências da realidade ligadas à alteridade e à diversidade.

O outono começava a dar sinais no hemisfério norte quando meu voo pousou na cidade, às 10:05. Passei pela imigração sem problemas, mostrando meu visto de estudante, e resgatei a bagagem numa das dezenas de esteiras do desembarque. Só me restava procurar um lugar para sentar, diante das quatro horas que faltavam para a chegada de M. Empurrando o carrinho com a mala azul imensa, vou em direção a um guarda do lado de fora do saguão: estou esperando uma pessoa que chega no voo 3455, da American Airlines. (VIDAL, 2009, p. 15).

Assim é que a estética literária debate o estágio atual dos deslocamentos, situando-o no contexto das amplas discussões que se desdobram no panorama internacional. Claro está que o viés de exclusão ainda incide fortemente sobre aqueles que, por diferentes motivos, se dispõem ante o desafio de ir ao encontro desses aspectos que articulam o processo da desterritorialização.

Conforme Batista (2009, p. 7) o que vemos, ao analisar os fluxos migratórios contemporâneos, é que as sociedades tradicionalmente nômades que ainda sobrevivem são tidas como marginais e, pela primeira vez na História, os fluxos migratórios assumem um lugar de destaque entre os problemas internacionais.

Em nível literário, o reflexo contemporâneo registra certa pulverização que, de forma bastante significativa, coincide com a dispersão do processo identitário observado no panorama da cultura globalizada. Não há que se falar em definição, pois o que se nos apresentam são definições, são as faces de uma realidade que se reparte em variantes diversas e todas com tal intensidade expressiva capaz de representar o instante produtivo como de pleno vigor, ainda que sublinhado pelas fraturas que se poderiam traduzir em fragilização do conjunto literário atualmente produzido.

A literatura contemporânea opera para discutir aspectos que tratam as particularidades como reflexo da condição integral que envolve o sujeito, neutralizando utopias recorrentes, consagrando atenção e apelo a reflexões de caráter mais imediato e concreto sem desprezar as complexidades mais abrangentes. Tal iniciativa reflete melhor compreensão para atuar de modo mais preciso e localizado, que não prejudica nem desmerece a formulação de uma consciência em sintonia com a pluralidade de viés pós-moderno.

Tanto em *MT* como em *AL* são nítidos os contornos que estruturam a subjetividade como representação inserida num contexto onde as tensões e conflitos do cotidiano afetam e são afetados pela conduta dos personagens, bem como pelos valores culturais que interagem nos espaços em que eles transitam. Assim configura-se um complexo da consciência individual e coletiva, por meio de atos e atitudes; gestos e comportamentos, que intervêm no ambiente e também experimentam interferências substantivas.

"A hora do encontro, é também despedida. A plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar, é a vida...". A canção popular ilustra bem esse contorno dinâmico de que tratam os romances *MT* e *AL*, cujos personagens mobilizam enredos em tom ágil ou fleumático.

Estou indo em caminho de milhares de milhas para Tijucoapapo. Não vou ficar emperrada por uma ponte. Vou atravessar. Saí de minha casa e da cidade porque perdi o começo, o nascimento de minha mãe que era a dona duma casa onde aos domingos ninguém se falava. Vou para Tijucoapapo atravessando pontes onde descubro talvez não ser possível dividir em justos e injustos, em ricos e pobres. (FELINTO, 1982, p. 104).

A personagem se desloca em movimento firme e destemido, elaborando e executando o seu percurso em aparente linha reta, mas o trajeto contemporâneo é enviesado, sinuoso como as estruturas mentais e emocionais do sujeito que se move entre as fronteiras da pós-modernidade. Por isso há conexões, quase sempre imperfeitas, como pontes ou elos entre espaços e entre sujeitos que experimentam vínculos afetivos, mas também as contradições pertinentes a tais instâncias.

A agilidade impressa pelos fluxos migratórios ressalta a pressa do movimento e a flexibilidade que pauta as relações e convivências na contemporaneidade. Os fluxos, nacional e transnacional, implicam a saída, o trânsito, a chegada e o retorno para compor a complexa dimensão de um ir e vir em desequilíbrio, cuja abertura para o infinito corresponde às linhas de fuga.

A plasticidade é característica dominante da subjetividade no contexto teórico da desterritorialização. Isso se traduz como insinuante avanço em direção às liberdades criativas que promovem orientações e reflexões acerca das intensidades e individualidades inerentes a

novas condições de vida. Relações e relacionamentos potencializam, particularmente, o pleno vigor da experiência estético-literária contemporânea.

Contra o isolamento e a rigidez; a favor da fuga e da dispersão, isto é o que preconiza a teoria da desterritorialização, desdobrando-se em perspectiva de uma dinâmica que se projeta para fora, para o encontro e para a interação. Um sistema de fluxos, no qual a interatividade produz variação em múltiplas direções, se processa e resulta em novos elementos de mobilidade e expansão.

O sujeito não é mais identificado como dimensão total, central e única como se fora um "eu" dominante, pleno em sua condição de exclusividade, mas ele se inscreve na esfera da "nomadologia", multifacetado, desterritorializado a dialogar com as experiências vividas no cotidiano em cujo contexto reiteram-se angústias e conflitos, que ilustram e enfatizam a complexidade existencial de que é dotado.

A nova configuração do sujeito contemporâneo projeta um perfil do qual saltam valores e sensibilidades como componentes da essência humana, sublinhada de potencialidades e fragilidades, sendo que a alteridade se inclui como pressuposto de conexão imediata. "Reencontro uma carta que M me escreveu de Los Angeles, enviada pelo correio; uma carta longa, escrita em papel de caderno, com uma letra de formiga, destinada a perdurar numa gaveta, como um índice de si mesma." (VIDAL, 2009, p. 135).

Entre o remetente e o destinatário está o espaço geográfico a mediar a distância carregada de afeto; a lembrança sublinhada pela saudade. Experiências de sentimentos compartilhados em meio a conflitos e tensões, materializados pela insegurança, pela solidão e pela angústia, componentes que reafirmam a natureza instável do ente contemporâneo.

O sujeito em trânsito, as motivações da saída, estimulado pelo mister do deslocamento que implica insistir em se projetar, em se adaptar ao novo espaço, buscando permanecer após a chegada enquanto a intenção de retorno é uma sombra envolta pelas tinturas da indecisão, das muitas dúvidas e questionamentos. Essa é a marca veemente da oscilação e do desequilíbrio, quase desespero em intenso diálogo com a aflição e o descompasso ofegante de uma viagem eivada de instabilidades emocionais.

A amplitude da teoria estruturada por Deleuze e Guattari, a partir do conceito de desterritorialização, incide de modo vigoroso sobre propostas da instância literária, traduzindo um nível de complexidade que sugere a desestabilização da mentalidade forjada na e pela compartimentalização. A contemporaneidade se orienta pelo salto para fora, projetando o encontro e o desencontro, a fuga e a instabilidade que representam desconstruir o fixo, o permanente, o definitivo, propondo o movimento por meio de círculos concêntricos.

Os fluxos migratórios, em dimensão elaborada, significam ideias e mentalidades avançando para articular fusão que admite evoluir aos processos de pluralidade, abrigando o compartilhamento de desejos, sentimentos e vínculos culturais a admitirem ondas de subjetividade que estimulam a expansão da complexa plataforma de experiências na pós-modernidade.

### 3.1 O sujeito em trânsito entre intolerâncias e ameaças

O contexto contemporâneo sugere atualização bastante pertinente quanto à noção de nomadismo produtivo. O status de fluxo migratório acolhe novas propostas e interage com a perspectiva artística de circulação e expansão em que sensibilidades e práticas qualificadas se deslocizam, desterritorializando-se num contínuo movimento que segue em múltiplas direções para tangenciar a instância literária.

Rísia e a protagonista anônima de *AL* tomam atitude ousada e arriscada, mas é necessário expor-se ao desafio, ao perigo que delimita as iniciativas. A insatisfação de Rísia se vincula a contingências materiais recorrentes no plano político e social, sem desconsiderar as circunstâncias de natureza afetiva a partir do que a personagem decide se deslocar.

A demonstração de ousadia da protagonista anônima de *AL* se materializa por meio da viagem, cuja perspectiva material incide em superar as fronteiras nacionais, mas também a orienta para lidar com limites existenciais entre os quais a angústia, a insegurança e a solidão.

Tal evidência conduz a um cenário que inclui a dimensão estético-literária de feição diversificada, cujas potencialidades articulam um caráter de coexistência cultural no qual as noções de harmonia e diversidade tomam parte para inspirar a mentalidade que reflete a dimensão plural e, por isso mesmo, desafiadora a estimular a pós-modernidade em curso.

A desterritorialização ergue-se então como um conceito que acolhe a possibilidade de expansão, implicando a fuga, o deslocamento que pressupõe vigor na contemporaneidade, especialmente porque em seus limites aliam-se todos os mecanismos de mobilidade real os quais se materializam por meio da viagem, implicando o desafio da aventura que conduz ao encontro e ao desencontro em face da diversidade e da alteridade.

Para Rísia, os obstáculos e os rigores se superpõem, intensificando as exigências quanto às iniciativas que implicam a própria sobrevivência da personagem. "Viver é um risco" que se impõe como surpresa, requerendo a energia do esforço e da superação, motivo

por que a personagem precisa improvisar, utilizar a criatividade aliada à força, à coragem para driblar os próprios conflitos e a pressão que surgem de todas as direções.

Por isso Rísia guarda e se vale de recursos e disfarces criativos entre os quais estão a música e a carta, componentes que implicam interação balizada pela sensibilidade a demonstrar o desejo, o sentimento de compor com a alteridade, aproximar-se para romper tanta rejeição. A iniciativa traduz-se como visível esforço para incluir-se no espaço abstrato em que transitam habilidades afetivas.

A simbologia do improviso musical é competente recurso a demonstrar a capacidade criativa do sujeito, incitada para executar e explorar as potencialidades que a pós-modernidade disponibiliza em forma de riscos potenciais ante os quais o sujeito contemporâneo ainda se lança sem a devida desenvoltura, mas que requer ser atingida com a maior brevidade e urgência.

Quero compor uma ária que saia música fina como as cordas do violão. Uma ária história da minha passagem da estrada para essa mata. Da minha andada pela mata. Uma ária que seja a carta que escreverei quando chegar a Tijucopapo, a terra onde minha mãe nasceu. Uma ária que seja da minha partida à minha chegada. Quero compor uma ária que recomponha a minha retirada pela estrada e da estrada para o campo, esse, onde quero encontrar as flores que pintarei na paisagem com lápis de cera, na carta à minha mãe. (FELINTO, 1982, p. 119).

A linguagem se deixa envolver por um processo de elaboração. Em princípio, o ritmo, a musicalidade, a sonoridade como iniciativa de apropriação do recurso criativo, sendo a atividade artística um parâmetro. Em seguida a carta prenuncia atitude de interação comunicativa para o que também há necessidade da linguagem elaborada e articulada, estendendo-se rumo ao entendimento, propondo vínculo e conexão.

O elo entre criatividade e sensibilidade ativa e potencializa a noção de aventura e desenraizamento, dialogando com o panorama teórico-conceitual da desterritorialização, cuja amplitude ultrapassa a fronteira da territorialidade física para se estender aos limites existenciais em que se observam aspectos ligados à desconstrução de componentes mentais e comportamentais cristalizados, favorecendo a ampliação das possibilidades criativas, ancoradas em valores culturais e sociais de inequívoca flexibilidade.

A perspectiva da desterritorialização apresenta componentes situados entre a surpresa e a aflição, sendo que esse embate envolve elementos culturais e nuances emocionais que se acentuam a partir da vivência, cuja realidade multifacetada determina o matiz orientador das relações e a consequente experiência delas resultante.

O efeito de práticas sociais, políticas e culturais operadas pelo sujeito contemporâneo é acolhido no âmbito literário a partir do que se estabelece diálogo com as potencialidades e práticas criativas em viva demonstração do investimento que reveste as interações desenvolvidas no contexto da pós-modernidade.

O sujeito desterritorializado, via de regra, é impelido a assumir postura defensiva em face de ataques e rejeições, deflagrados por um comportamento xenófobo, cujo viés mais grave agrega intolerância e discriminação, motivado por um sentimento nativo distorcido, que assim reage em função de supostos mecanismos relacionados à proteção e à preservação de componentes socioculturais.

A viagem que pressupõe o deslocamento rumo ao sujeito e ao espaço desconhecidos, promove dúvidas e receios quanto a essa dimensão que as obras literárias abordam. Os panoramas nacional e internacional, respectivamente em *MT* e *AL*, apresentam personagens cujas singularidades evidenciam comportamentos e gestos sublinhados por incidências de natureza política, social e afetiva, perfil que se estende para estabelecer diálogo, cujos reflexos coletivos estão sintonizados com a pós-modernidade.

A partir do panorama nacional, Felinto atua sobre a realidade de dificuldades da região Nordeste. As circunstâncias, nas quais os personagens estão inseridos, se repartem em efeitos comoventes e contraditórios a partir do que a matéria ficcional discute o tema da viagem, privilegiando dados culturais extraídos da matriz composta pelo sujeito e pelo território além das contingências que a ambos envolvem.

A mobilização de todo o enredo se articula por meio de personagens femininos enquanto os personagens masculinos reproduzem mera figuração no contexto literário de *MT*. A exploração da percepção e do universo femininos ressalta o caráter de subversão e transgressão da obra literária nos limites da contemporaneidade.

A abordagem internacional do romance de Paloma Vidal flagra os personagens em estado de trânsito, porém há um viés de destaque para a condição de um deslocamento que decorre muito mais de uma decisão "espontânea" dos personagens do que de uma pressão relacionada às condições sociais, cingidas por dificuldades e obstáculos que afetam até mesmo a sobrevivência.

No entanto, em *AL* se reconhece o caráter rigoroso que o panorama contemporâneo exerce sobre os personagens, favorecendo e potencializando as iniciativas de cruzar limites e fronteiras, ainda que essa decisão produza reflexos inerentes a conflitos e tensões porque articula experiências, a partir da interação entre necessidades e interesses, que repercutem impactos tão diversos quanto relevantes.

A viagem como constatação da dinâmica contemporânea fortalece o entusiasmo, mas principalmente a incerteza se inscreve na perspectiva de quem se desloca, pois a condição de quem sai, ganha um contorno entre o abandono e a aventura, mas acentua a possibilidade de experimentar a insegurança, o conflito e a perversidade na perspectiva do nativo que enxerga o migrante como potencial adversário, possível ameaça ou até mesmo um franco inimigo.

Nunca compartilhei com minha mãe a vontade de conhecer lugares novos. Por que viajar? Onde minha mãe via desafio, para mim havia só retração; pessoas que jamais conheceria, línguas que não entendia, paisagens opacas. Fiz a pergunta a M e ele respondeu, com seriedade: isto não é uma viagem, é uma mudança. (VIDAL, 2009, p. 26).

Entre uma viagem e uma mudança há variação de fisionomia que implica uma decisão e uma necessária adaptação. A viagem pode indicar deslocamento fortuito, transitório, enquanto a mudança sugere um movimento com menor trepidação, o que não indica permanência e estabilidade. Em ambos os casos a condição do sujeito é instável porque estão em jogo aspectos da identidade, além das possíveis relações com a alteridade e a diversidade. Receio e insegurança são sentimentos presentes em tal situação a requerer boa capacidade de negociação em meio a tantas divergências.

No entanto, o grande desafio proposto ao sujeito desterritorializado é a compreensão de que a busca pela reterritorialização implica enfrentamento para superar obstáculos que incutem negação ou supressão de argumentos culturais intrínsecos a ele (sujeito) em detrimento da assimilação de componentes culturais alheios à sua realidade sociocultural.

A competência para negociar a inclusão na perspectiva da reterritorialização impõe que, integrado ao novo panorama, o sujeito disponha-se para a possibilidade de interação em cujo cenário diversidade e alteridade sejam também acolhidas sob a perspectiva da tolerância e da convivência uma vez que contradições e divergências se reafirmam como vínculos que se potencializam na contemporaneidade.

Considerados os diferentes apelos e nuances que envolvem as narrativas dos romances que pautam o conteúdo das discussões, reflexões e análises ora encaminhado pela presente dissertação, compreende-se a dimensão sublinhada por semelhanças e diferenças que aproximam e afastam os fluxos migratórios, considerando-se as estruturas propostas pelos dois romances.

A conotação, marcadamente nacional, destaca ações dos personagens de *MT* circunscritas a uma dimensão territorial reduzida se comparada com a amplitude geográfica

que se destaca nas estruturas do romance de Paloma Vidal. "Será nossa viagem mais uma versão do sonho americano?" (VIDAL, 2009, p. 23).

O caráter internacional de *AL* configura realidade material e existencial mais abrangente, cenário em que estão contemplados os movimentos que circulam ao redor do mundo porque as delimitações impostas para os acontecimentos do enredo se circunscrevem ao plano territorial que política e economicamente confunde-se com o próprio panorama mundial.

A América (do Norte) se projeta como emblema reafirmado da esfera hegemônica que deflagra a convergência, para os seus limites geográficos, de "todos" os acontecimentos, pois dali partem os eventos socioculturais ou para ali se dirigem. As contingências de natureza material e afetiva se concentram no espaço consagrado a representar o abrigo de tantos anseios e tensões em trânsito ou circulação.

Em *MT* e *AL* evidenciam-se contornos de uma realidade dispersa, efervescente, em ebulição, dimensão confusa, transitoriedade que surpreende a permanência e a lógica linear, conectando-se à contemporaneidade como a reiterar que

Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação. Tudo isto, as linhas e as velocidades mensuráveis, constitui um agenciamento. (DELEUZE & GUATTARI, 1994, p.10).

A condição de deslocamento ou transição geográfica, que inclui indivíduo ou grupo, traz consigo a dúvida, a incerteza quanto ao futuro. Voluntário ou imposto, qualquer deslocamento mantém vínculo sutil ou evidente com o estado de trânsito em que a migração reflete o estado emocional do sujeito, cujo teor de insegurança e desafio da viagem em curso concorrem para consolidar a desterritorialização.

O tema da viagem, no âmbito da literatura contemporânea, é perpassado pelas noções e conceitos instruídos pela perspectiva da desterritorialização, cujas formulações acadêmicas e científicas se manifestam de modo vigoroso, favorecendo intenções e práticas em busca de mudanças substantivas, pelo que são regulares e frequentes as investidas para reestruturação e aprimoramento em relação ao que já se encontra estabelecido.

A linearidade e a lógica, definitivamente, não refletem a conduta e os gestos contemporâneos. O que melhor traduz as ações e atitudes da pós-modernidade são as subversões, as transgressões e diálogos que implicam contradições em face das fissuras que a sociedade contemporânea experimenta, confirmando-se que a política de Deleuze e Guattari é

melhor concebida como um “zigzague que se move em diferentes ângulos de acordo com as contingências locais e em mudança.” (DELEUZE & GUATTARI, 1994, p. 2).

A (r)evolução que a literatura contemporânea propõe, inclui a fragmentação e a ruptura vez que são dimensões vinculadas ao processo de desterritorialização. A insatisfação do sujeito, inserido no contexto pós-moderno, alia-se à intabilidade das contingências que o rodeiam, garantindo a negação da estabilidade para assumir feição oscilante e flexível em diálogo com as noções de ousadia e transgressão.

Tudo que se imponha pelo potencial deve ser considerado na perspectiva rizomática, que não se guia pela dualidade, mas acolhe em seu contexto o conflito e o confronto. Entre os extremos há o fundamento, e este é infinito em sua riqueza, que propõe a transformação contínua, o debate permanente.

Assim em *MT* e *AL* os relacionamentos e acontecimentos ganham essa dimensão fluida, fluxo contínuo e paradoxal, incluindo partida e retorno, um ir-e-vir que se rompe e se conecta, implicando evidentes contradições que envolve bom e mau; bem e mal; positivo e negativo; fértil e estéril.

É como se as coisas estivessem no limiar das coisas, Nema. Eu me olho e sinto o medo em que me vejo. O que será de mim? É o que me pergunto. E tento me dar uma resposta para ser mais fácil ir. Nada é mais uma coisa definida, nada é um caminho sem zigzagues. Tudo é turvo. Tudo é turvo. (FELINTO, 1982, p. 68).

São recorrentes os momentos em que os personagens se sentem emparedadas entre dúvidas e inseguranças porque em seu percurso incidem interferências materiais, morais e emocionais. Os sentidos e os sentimentos assumem a confusão de quem se desloca sem rumo, sem a direção desejada porque a falta de resposta para tantos questionamentos dificultam um deslocamento seguro, um movimento em linha reta que justifique a dinâmica de uma viagem integralmente orientada para a perfeita satisfação.

Essa inquietude, sublinhada pelo insistente paradoxo, reflete aspectos contemporâneos que o sujeito absorve e projeta por meio de suas ações a partir de um comportamento que rejeita o seu caráter previsível e estável para aderir à concepção móvel e volátil, dotada da instabilidade que contorna relações e relacionamentos na pós-modernidade.

O espaço em que se movem os personagens reflete sinuosidade e irregularidade sintomáticas das condições afetivas e sentimentais que vigoram na plataforma contemporânea. A noção de equilíbrio e ajustamento se rompe a partir de comportamentos e gestos encaminhados por meio dos personagens envolvidos por contingências tão rigorosas quanto contraditórias a exemplificar o teor contemporâneo das relações e relacionamentos.

Angústia, solidão e exclusão são componentes de instabilidade emocional que tangenciam as interações afetivas que os personagens buscam imprimir. A oscilação e o desequilíbrio em torno das convivências é marca insistente que se reitera no interior dos diversos espaços, tanto em *MT* como em *AL*.

O descompasso que sublinha os relacionamentos ocorre nos diversos segmentos e instâncias disponibilizados nos limites da estrutura ficcional. Seja no espaço interno da casa, no saguão do aeroporto, nos corredores da universidade, nas relações familiares, na convivência afetiva, na dimensão religiosa, na extensão das ruas em que transitam os personagens ou até mesmo ao longo de vias e rodovias as contingências existenciais flutuam sobre cada ambiente.

Obedece quando ele pede que tire a roupa enquanto faz o mesmo. Debaixo dos cobertores são dois corpos nus e o mundo se torna minúsculo. Depois do sexo, ele a abraça com seu corpo todo, como se quisesse guardá-la em si mesmo. E de repente se ergue com uma desculpa qualquer, rompendo a cena com um distanciamento forçado. (VIDAL, 2009, p. 23).

No mais íntimo espaço do relacionamento amoroso, a demonstração de instabilidade emocional se impõe a revelar que os fluxos migratórios se submetem às inexorabilidades da existência, deflagrando conflitos e reafirmando fragilidades que atuam sobre a realidade pós-moderna. Desejos e carências afetivas se pronunciam com eloquência para reafirmar a dimensão humana contida nas iniciativas dos personagens, atestando quanta intensidade se propaga no espaço das convivências.

O texto ficcional pós-moderno admite dimensão revolucionária a partir da qual se produz diálogo incisivo com a perspectiva da desterritorialização. Em tal iniciativa cabe interpretar significados que os personagens mobilizam ao longo dos enredos de *MT* e *AL*, envolvendo as instâncias social, política e cultural.

Os personagens da ficção contemporânea se lançam para desempenhar interações em diálogo com a condição de mobilidade, potencializando as possibilidades de encontros e desencontros. Os contínuos fluxos, que implicam o abandono, a conquista e as múltiplas interações entre territórios, concorrem para uma conformação complexa em meio à pluralidade sublinhada por aspectos materiais e imateriais da contemporaneidade.

O espaço geográfico e territorial é a instância de fluência intermediária entre o sujeito e as contingências políticas e socioculturais. Palco em que se manifestam ideias, ações e atitudes, ilustrativas da luta em torno do poder, é aí que proliferam divergências e

contradições, destacando a experiência em que os processos de desterritorialização se efetivam, envolvendo indivíduos e grupos sociais.

Em estado de pleno desassossego e inconformismo, deslocando-se ao longo de campinas, vias e rodovias, Rísia assume o perfil político-ideológico que lhe inspira o desajuste e confere a rebeldia de sua natureza transgressora. A narradora-protagonista - ofendida, injustiçada e agredida - nutrindo a revolta e a revolução, que transitam em seu íntimo, não se conforma e até se deforma ante "a angústia de querer ser uma égua que relincha para não ser mulher que chora vômitos de ter perdido um homem." (FELINTO, 1982, p. 51).

Rísia experimenta o impulso radical que a transforma em referência desconcertante, quase um desequilíbrio afetivo em meio ao sentimento de injustiça que baliza o sentido de decisão e firmeza. A consciência política se pronuncia ante o impacto dos desmandos, da desordem que obriga a narradora-personagem enfrentar um deslocamento com destino incerto em direção a outras tantas oscilações de ordem material e emocional.

Em *MT*, os personagens sofrem as consequências de uma realidade em que o viés político age sobre as circunstâncias sociais, impondo situações que repercutem na dinâmica do cotidiano, refletindo a exploração sórdida e o massacre assustador. As relações e relacionamentos são afetados pela aspereza a que se submetem os sentimentos, assimilando a intensidade dessa fratura cujo dilaceramento afeta, principalmente, a dignidade.

Todas as instâncias e segmentos, que simulam o esquecimento e o abandono dos sentidos pró-afetividade, fomentando a miséria material e moral dos personagens em movimento na estrutura ficcional de *As mulheres de Tijucopapo*, recebem o desprezo e o descaso contundentes a partir de um pronunciamento indelicado, exaltado, raivoso por parte de Rísia.

Saí porque não me dava bem. Não me conformava com a infelicidade. Trazia uma angústia qualquer, essa vida. Às vezes usava política para tentar explicar. Como usava religião, como usava Deus e o diabo de filosofias e psicologias. Às vezes pensava em política: nós somos um bando de bestas guiadas por um bando de bestas. Nós somos bestas. Nada mais há para ser feito. Somos bestas teleguiadas, controladas, massificadas, espiadas, vigiadas, enquadradas, enxadrizadas na prisão da rua. (FELINTO, 1982, p. 125).

A perspectiva de integração, que vincula entre si espaços físicos diferentes, também promove encontros entre valores e tendências ideológicas divergentes, do que derivam fraturas, tornando as contingências da globalização mais ativas e rigorosas, reafirmando

paradoxos conceituais que, a um só tempo, traduzem noções como inclusão/exclusão; apreço/desprezo; eu/outro; aqui/lá, entre outras reiteradas contradições.

A pós-modernidade evidencia o movimento que reitera os fluxos contínuos materializados pelos deslocamentos. Ideias e ações, em permanente flexibilização, demonstram o caráter fluido em que vivências e convivências se submetem ao inexorável processo de desterritorialização. A feição de contorno fixo e estável, que incluía vínculos e relacionamentos, foi afetada pelas experiências dilaceradas, observadas no panorama contemporâneo.

Nesse contexto de dispersão e expansão, regular mecanismo de defesa é o ataque, ou contra-ataque veemente, praticado pela protagonista-narradora de *MT*. O percurso em direção à alteridade e à diversidade, sublinhado pela condição de rejeitada e excluída, desperta em Rísia uma reação "viril", elo que se consolida entre a agressão e a proteção porque admite o traço marginal de sua personalidade. No entanto, a firme postura assumida pela protagonista-narradora não exclui a busca ativa e incessante quanto ao acolhimento e à tolerância em favor da alteridade.

Entre protestos e denúncias, a voz de Rísia se propaga contra a rejeição das minorias, gesto de incisivo combate ao preconceito e à intolerância. Em avanço ligeiro e destemido, Rísia se desloca pela margem das vias e rodovias para alcançar o outro, solidarizando-se com a diferença para concentrar sua reação nessa arena de fisionomia nacional em que as contradições ainda são pautadas por renhidas lutas, mas é desse contexto desafiador que a narradora de *MT* propõe lançar conquistas silenciosas a confundirem-se com vitórias essenciais na prática das convivências.

E (vou até falar baixo) esse é o mesmíssimo poder que me torna capaz de virar uma prostituta, uma homossexual, uma louca, uma bêbada, uma bandida, uma marginal. E, não, eu não sou de agüentar a margem da vida. Na margem sou fio que se quebra. Na margem só ficam os fortes. Sou fraca, fina e frágil. Mas, se eu fosse homem, ou se o permitissem às mulheres, eu iria à guerra. Serei sempre uma voluntária à guerra até que se mate em mim esse poder meu para qualquer coisa do resto que não seja uma mulher casada numa casinha branca. (FELINTO, 1982, p. 24).

O teor desse "desabafo", proferido pela protagonista, ecoa por diversas instâncias da espacialidade contemporânea. A um só tempo vislumbram-se o caos e o cosmo em que de um lado está uma realidade estruturada em torno de uma conformação lógica, linear, cristalizada e homogênea; do outro lado, articula-se um comportamento em desassossego, agitado, orientado para insuflar a própria revolta nutrida pela resistência, sendo que tal insurreição se revela como flagrante superação do conformismo.

A iniciativa que privilegia a (r)evolução das práticas, dos meios e das formas de relacionamento e convivência alia-se ao mecanismo que acolhe sentimentos, gestos e comportamentos rejeitados, sem formular pré-análises nem pré-conceitos, assimilando o outro, o desconhecido e o diferente em decisiva atitude de abrigo e inclusão.

Os fluxos migratórios, em larga medida, ainda são motivados por aspectos econômicos, sociais e climáticos como os principais fatores que impulsionam os deslocamentos, reconhecendo-se que "de fato, o número de pessoas deslocadas de seus países de origem em função do aumento da pobreza, da fome, de catástrofes naturais geradas pela exploração ambiental desordenada, vem aumentando de forma alarmante nas últimas décadas." (BATISTA, 2009, p.68).

Outros motivos, porém, estão presentes no contexto contemporâneo das realidades migratórias entre os quais as iniciativas inerentes à individualidade como efeito da instabilidade interna do sujeito, cuja motivação para se lançar em direção à alteridade e à diversidade reflete o desafio que, particularmente, o mobiliza na contemporaneidade.

A pós-modernidade dispõe um cenário, cuja marca mais evidente é a heterogeneidade, que materializa o traço contraditório das relações humanas com intensa repercussão social no espaço territorial. Aspectos da solidariedade e do conflito interagem, admitindo que convergências e divergências, vícios e virtudes caracterizam o sujeito envolto pelas próprias contradições no panorama contemporâneo. Espécie de sintoma, a crise entre o fragmento e a totalidade reitera, na pós-modernidade, o paradoxo inerente às relações do sujeito com a alteridade e a diversidade.

### **3.2 Flagrantes de inconformismo do sujeito na ficção contemporânea**

O tema da viagem implica interpretar sentidos que dialogam com o conceito de desterritorialização porque nele está contido o potencial dos deslocamentos traduzido em inquietude, inconformismo e transgressão que respondem por aspectos da transformação articulada em linhas de fuga.

Os personagens do romance contemporâneo refletem comportamentos sublinhados por conflitos e tensões existenciais que traduzem a essência da instabilidade convertida em valor que vai de encontro ao enraizamento, à fixação e à permanência, assumindo contradições de extrema pertinência quanto ao que se cogita das convivências no panorama pós-moderno.

A experiência do encontro se converte em potencial de colaboração. O sujeito e a alteridade admitem trocas consistentes que se complementam nesse espaço transitivo. Gestos e comportamentos de aproximação entre as instâncias subjetivas fundamentam certo nível de conciliação, resultando em possibilidade para a salutar convivência, admitindo-se que o outro se constitui em referencial que é reflexo de tentativas projetadas pelo sujeito contemporâneo.

Mais uma vez ela fala sobre Eltit, o sujeito pós-moderno, a pós-utopia. Quando comenta o seu trabalho, as frases são curtas demais como se o pensamento não se completasse. Nessas lacunas se encaixam minhas frases, e então o que eu digo começa a soar muito interessante, muito mais interessante do que em geral me parece. Pela primeira vez, diante desse espelho novo, começo a achar que estou no caminho certo, que estar ali faz sentido, que minhas leituras caminham para algum lugar. (VIDAL, 2009, p. 55).

Quando se manifestam ao longo das narrativas dos romances que fundam o debate da presente dissertação, os personagens demonstram o caráter oscilante e incompleto das experiências já vividas e daquelas a serem experimentadas. As fraturas admitidas nas estruturas moral, emocional e existencial são falhas que se materializam por meio da angústia, do conflito, da solidão e da insegurança que inspiram o entorno dos personagens tanto em *MT* quanto em *AL*.

As reflexões realizadas a partir do pensamento filosófico de Deleuze e Guattari encaminham discussão apropriada sobre o processo de inevitável alteração a que as contingências históricas estão submetidas. As estruturas mentais e comportamentais entram em choque, deflagrando ocorrências de interação, produzindo aproximações e afastamentos que se estendem para interpretações de natureza política, social e cultural.

A terminologia que inclui a árvore e o rizoma como concepções teóricas e conceituais que se assemelham e se distinguem refletem a compreensão em torno da rigidez e da flexibilidade sem se curvar a uma experiência de caráter meramente dual ou hierárquico, mas sim busca inserir-se numa perspectiva dialética em que as trocas se operam de modo transgressor, afetando e sendo afetadas por outros conceitos e práticas.

A mobilidade, ao destacar seu status de importância na pós-modernidade, deixou de ser mera descrição de movimento fortuito ou eventual para garantir condição de autonomia em projetos de fortalecimento cultural por meio dos encontros e desencontros promovidos por esses deslocamentos. A aproximação entre as diferenças implica revisão de conceitos e comportamentos, deflagrando experiências que se convertem em resultado prático, estabelecendo novos parâmetros sociais, econômicos, políticos, culturais e estéticos.

O caráter civilizatório, na contemporaneidade, inclui contradições e divergências materialmente encaminhadas pela alteridade e pela diversidade. As implicações de natureza ética são inequívocas porque privilegiam o conceito de liberdade, de tolerância e de inclusão como componentes indispensáveis à cidadania e à cultura de convivência, que a sociedade pós-moderna busca construir em meio aos contornos de agilidade e flexibilidade assumidos com tamanha franqueza.

A dúvida e o questionamento são mecanismos que o sujeito contemporâneo absorve como pressuposto das instabilidades emocional e psicológica, dispondo-se como instância permeada por conflitos de caráter existencial. A condição humana, traduzida pela consciência das fragilidades, inclui a possibilidade do fracasso ante empreitadas de natureza diversa, mas também reforça o valor da iniciativa sublinhada pela criatividade.

A mobilidade de indivíduos e grupos implica circulação de pensamentos, sentimentos e comportamentos, conferindo ao espaço geográfico um contorno de arena em que as diversificadas interações se intensificam e se propagam para reafirmar o status de um sujeito afetado pelas contingências de um panorama dotado de contradições onde se destacam os vínculos instáveis e dinâmicos que operam no contexto da pós-modernidade.

As contingências sublinhadas pela diversidade e pela alteridade reafirmam, como marca das relações contemporâneas, o caráter volátil e fluido representado por diversos níveis de diferença. Seja de natureza cultural, social ou política, referendando o status de abertura e flexibilização operado pelos personagens que interagem entre si, sem deixar de compartilhar, nos espaços geográficos, as relações e relacionamentos com as características de um contexto de múltiplas faces.

À medida que vamos nos aproximando de Downtown, tudo fica menos homogêneo: negros, orientais, árabes, os prédios novos e os antigos, mal preservados, as lojas de departamento e o museu, terrenos baldios, bicicletas e carros. De uma ponta à outra da avenida, as diferenças são evidentes, mas tudo se passa com naturalidade como uma coisa que necessariamente leva à outra. (VIDAL, 2009, p. 22).

Reflexos da diversidade na ficção contemporânea ilustram o caráter heterogêneo e flexível da realidade que se deixa afetar progressivamente por aspectos díspares e relevantes nessa composição que amplia a complexidade tanto em função de aspectos essenciais como de elementos do cotidiano ordinário.

Assim como outras realizações e práticas humanas, a migração também contempla aspectos de contradição materialmente identificados pela saída, pela chegada e pelo retorno, enfatizando exemplos acompanhados não apenas pelas circunstâncias impositivas, o que

ocorre na maioria dos casos. Contemporaneamente, no entanto, não são incomuns os deslocamentos motivados por uma deliberação pessoal, particular, o que ocorre em casos pontuais de situações que se destacam quanto às discussões e reflexões ora encaminhadas pela presente dissertação.

O romance pós-moderno destaca a viagem como a possibilidade que se constrói entre o desafio e a aventura, convertendo-se em condição da mobilidade material e existencial. Aí os encontros e desencontros se orientam pelo afeto e pelo conflito, cujas repercussões mais imediatas e recorrentes se medem pela angústia, pela solidão e pela insegurança deflagradas a partir da intensidade das experiências interativas. Relações e relacionamentos são inexoravelmente atravessados pelas instabilidades e oscilações de natureza emocional e psicológica vivenciadas pelos personagens.

De avião, são duas horas, responde. Muito perto. Fico pensando nas possibilidades que me esperam se continuar morando ali. Poderei ir ao México. Poderei também ir a San Francisco. Toda uma costa a ser descoberta. Outras civilizações. Para isso se viaja? (VIDAL, 2009, p. 112).

Os romances *As mulheres de Titjucopapo* e *Algum lugar* estabelecem diálogo franco com a teoria da desterritorialização no sentido de que em ambos os romances se processa a articulação de um movimento de saída, retorno ou chegada, na perspectiva de que tal iniciativa esteja amplamente comprometida com o despertar de um fluxo, ação que se fragmenta para se expandir, propondo nova configuração para a realidade em curso.

Ao sair do território, o indivíduo, por exemplo, sofre a desterritorialização, ou seja, o deslocamento para outro lugar, e nesse deslocamento há a reterritorialização que propõe a abrangência da ideia de território, entendida como um espaço vivido e como um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”.

O desejo, incrementado a partir do apelo criativo, é o princípio motivador das condições para que se operem transformações. A superação mentalizada e executada pelo sujeito é energia tomada de empréstimo junto à vontade traduzida em disposição e vigor para impulsionar componentes materiais e imateriais naturalmente exigidos pelo cotidiano porque

O desejo ativa forças impessoais, não-figurativas, não-simbólicas, forças conspiratórias do Ser. Ele gera o real. Toda a realidade se cria no desejo e pelo desejo, num movimento para dentro e para fora, que se diferencia inclusive em si mesmo, uma vastidão intensiva. Por sermos tocados pelo desejo, sempre há algo em nós que nos convoca para além do que somos. O desejo nos chama de um nome estranho e nós respondemos — outros. Ele é primeiro e doa (ou rouba) tudo, sem contrapartida nem equivalência. Por isso, nenhuma pessoa, nenhuma coisa, nada basta em si próprio. Sempre se pode ativar um excedente, uma carga delirante que desborda e embaralha. (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 271).

A inquietude e o desassossego são estados emocionais que o sujeito desterritorializado experimenta em contínuo frenesi uma vez que não há deslocamento sem escala, a qual se faz necessária para o contato e a convivência dos quais se extrai a experiência vital do aprendizado, num confronto de saberes e conhecimentos vividos no cotidiano, sublinhado pela pluralidade e pela multiplicidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte reflete e reitera status de constante negociação com as temáticas que invoca. Questionar, discutir e refutar consagram-se como vocação para legitimamente atualizar a sua função primordial, em cujo contexto a literatura se confirma como prática que experimenta o delírio de reinventar, por meio das palavras, o universo da expressão.

A obra literária e suas particularidades concorrem para repercutir o processo criativo em que a consciência ativa toma parte. Cada componente artístico viabiliza a condição de interdependência para o resultado da obra literária, sendo que reflexão e discernimento crítico convertem a matéria ficcional em agenciamento político, social e estético.

Considerar o hiato entre realidade e ficção permite compreender que o real é a matéria-prima para o ato criativo transformador. Quanto mais o potencial de criatividade se revelar revolucionário, inventivo e inovador, mais força terá o resgate proposto pelo debate literário.

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade. Gratuidade tanto do criador, no momento de conceber e executar, quanto do receptor, no momento de sentir e apreciar. Isto ocorre em qualquer tipo de arte, primitiva ou civilizada. (CANDIDO, 2006, p. 56).

A literatura pós-moderna tem buscado amparo nas dimensões teórico-conceituais, cujas nuances de ruptura com os cânones questiona rigores estruturais de conteúdo e forma, reavaliando fórmulas e formatos, particularmente os que expressam, com maior veemência, um caráter explicitamente datado.

A produção literária contemporânea, sublinhada pela flexibilidade e instabilidade, insere-se em um panorama no qual há suficientes correspondências para se destacar como teoria e prática, orientando-se para abordar e refletir acerca de questões, cuja temática seja realçada por sua natureza concreta que estimula a realidade e a define como instância efetiva, considerando os seus aspectos fundamentalmente estéticos, mas também políticos e ideológicos.

Como se vê, os aspectos em torno da desterritorialização são transversalizados pelo conteúdo que politiza as instâncias práticas operadas no plano da pós-modernidade. O sentido de preservação, que indivíduos e grupos sociais assimilam, implica a proteção do nativo em

detrimento da exclusão do passante que se aventura, motivado pelas contingências contemporâneas cada vez mais ampliadas por essa condição de intensa mobilidade.

A viagem, na perspectiva contemporânea, é o tema que estrutura e mobiliza as narrativas dos romances *As mulheres de Tijucoapapo* e *Algum lugar*. A presente dissertação destaca os dois romances como iniciativa literária pós-moderna, observando aspectos do conteúdo e da forma utilizados na organização das duas obras como componentes que fundamentam as discussões e reflexões que se desempenham ao longo desta pesquisa.

Os elementos literários, destacados em ambos os textos ficcionais, propõem correspondência entre o teor e o modo de abordagem desse conteúdo, reafirmando a pertinência do diálogo que se estabelece entre as manifestações literárias e a teoria da desterritorialização, vínculo que se materializa e aprofunda com as citações extraídas dos romances - bem como as menções feitas a outros trabalhos científicos - e o suporte teórico aplicados ao longo da dissertação.

As obras literárias, cujas narrativas representam o mister fundador da presente pesquisa, privilegiam a condição de deslocamento que os personagens assumem ao longo do enredo, acentuando, em função desse mecanismo de mobilidade, aspectos da deriva contemporânea uma vez que a dinâmica dessa realidade confere implicações de ordem sentimental e afetiva que incidem sobre o cotidiano dos personagens.

Em diálogo com a teoria da desterritorialização, as oscilações e desequilíbrios que ocorrem em torno dos personagens consideram as circunstâncias de instabilidade próprias do contexto contemporâneo em que o sujeito se insere em um panorama de extrema flexibilidade a partir do que experimenta incidências existenciais: angústia, medo, solidão e fracasso, dimensões de fragilidade que a subjetividade vivencia na pós-modernidade.

A viagem, proposta nos dois romances, configura um panorama em que os personagens agem, reagem e interagem na perspectiva do movimento de saída, chegada e retorno, vivenciando experiências nos espaços geográficos ou na dimensão existencial, iniciativa favorável às reflexões consagradas como elo entre as narrativas e a contemporaneidade.

As contingências de natureza política, social e cultural sublinham o contexto literário que a matéria ficcional propaga, sendo que o intervalo de aproximadamente vinte e sete (27) anos entre a publicação das obras merece consideração no que concerne à consistência representada pelo tema. Em 1982, Marilene Felinto publicou *As mulheres de Tijucoapapo* enquanto em 2009 se deu a publicação de *Algum lugar*, da escritora Paloma Vidal.

O primeiro romance enfatiza as circunstâncias e acontecimentos que se deflagram no espaço territorial brasileiro entre as Regiões Nordeste e Sudeste, com destaque para os Estados de Pernambuco e São Paulo, sendo que este cenário é valorizado ainda mais pelas ocorrências intermediárias, eivadas das intensidades criativas, que se sucedem na passagem, no deslocamento. O trânsito intenso e a mobilidade consequente reafirmam fluência e flexibilidade nas referências narrativas que o romance apresenta.

O segundo romance estrutura um enredo, cuja perspectiva de expansão propõe superar fronteiras e limites, estabelecendo circunstâncias em que os personagens circulam em um cenário marcado pela internacionalização onde culturas de grande parte do mundo interagem, produzindo as repercussões contemporâneas admitidas e reafirmadas pela globalização.

Ainda que os compassos e tonalidades narrativos sejam distintos - *MT* destaca-se pela agilidade e pelo viés social e político do panorama nacional enquanto *AL* reflete um contorno fleumático e nuances existenciais na dispersão internacional - ambos os romances absorvem e repercutem perspectivas de um sujeito que assume, paradoxalmente, o potencial e a fragilidade ante um contexto em que as contingências são assimiladas como parte do processo contraditório no qual relações e relacionamentos se estruturam a partir dos aspectos materiais e afetivos.

Os dois romances estruturam enredos em que os personagens reiteram um contínuo processo de formação da identidade. As incidências da configuração contemporânea ampliam as dimensões em que experiências no plano da linguagem e dos afetos se consolidam em práticas de um cotidiano marcado tanto pelas instabilidades materiais quanto pelas incursões existenciais. Tal configuração afeta e é afetada pela dimensão da territorialidade, cenário no qual se desenvolvem convivências que levam em consideração a alteridade e a diversidade.

Para consolidar a noção de desterritorialização é mister imaginar com Deleuze e Guattari acerca da perspectiva da aventura de um partir sempre sem que se tenha a exata noção do ponto de chegada, ou ainda que se deflagre uma sensação de retorno para um mesmo e único ponto ou espaço geográfico. Assim se constrói a ideia de território como instância de passagem, dimensão transitória, com abertura regular para abrigar ou liberar novos fluxos de existência.

O valor extraído dos fluxos existenciais em contínuo processo é marca da subjetividade desterritorializada, considerando seu traço de fragilidade e fragmentação, cujo dilaceramento inevitavelmente permeia o sujeito contemporâneo em meio a contradições, inquietudes, fracassos, dúvidas e questionamentos que fazem parte de uma composição

estilhaçada, em imediato contraponto com uma subjetividade íntegra, sólida, envolvida por um manto de certeza incontestada.

As condições em que se dá a produção literária de *As mulheres de Tijucopapo* e *Algum lugar* deflagram pertinente diálogo com a perspectiva da desterritorialização fundamentada por Deleuze e Guattari. A dimensão fragmentária, assumida pelos personagens de *MT* e *AL*, consolida a ideia de desterritorialização, enfatizando aspectos de movimento e deslocamento em que o sujeito se dispõe, por meio de uma experiência dada, a buscar novos modos de vida, articulando linhas de fuga que suportem e superem as pressões de assujeitamento e o conseqüente abandono da força criativa da existência.

O sujeito, o território e as contingências materiais e comportamentais, na perspectiva da desterritorialização, interagem para fundamentar argumentos que, a partir dos novos arranjos estéticos e culturais, articulam outras possibilidades de estruturação do processo de identificação, orientando para uma desafiadora realidade em que a noção de complexidade se amplia, considerando aspectos humanos e sociais.

Aproximação e distanciamento são traços que contornam conteúdo e forma das estruturas narrativas dos romances *As mulheres de Tijucopapo* e *Algum lugar*. Os efeitos de deslocamento, sintonizados com a teoria da desterritorialização, afeta ambos os romances, conferindo identificação entre eles, sendo que o compasso de agilidade do primeiro em oposição à fisionomia fleumática do segundo exemplificam valiosa distinção entre os dois romances.

A peculiaridade dos enfoques, articulada em cada romance, corrobora a plena consciência das escritoras Marilene Felinto e Paloma Vidal em busca de inovação estética a justificar a missão criativa do ofício literário, reiterando-lhe o status de fagulha crítica em meio ao entulho hegemônico que se escuda sob disfarces apelativos, cujas tonalidades oscilam entre a redundância e a alienação.

Em um cenário onde circulam componentes da personalidade das autoras, as atitudes e reações dos personagens evidenciam articulações que destacam convergências e divergências como privilégio da pluralidade assentada sobre uma realidade instaurada entre a vigilância sutil e a ação contínua. As práticas vivenciadas pelos personagens em *MT* e *AL* refletem fluidez e volatilidade, ilustrando o panorama que a ficção traduz por meio da instabilidade dos relacionamentos e sentimentos, além da fugacidade revelada pelo vínculo com o território.

Os componentes narrativos demonstram a superação do caráter permanente de antes para valorizar o potencial criativo que investe no teor transitório da vida contemporânea,

ressaltando o fluxo contínuo das realidades orientadas pelo e para o movimento, instigando o viés oscilante de valores até então enraizados numa perspectiva de cristalização de ideias e práticas. A reordenação das estruturas socioculturais, políticas, econômicas e morais ganha status de flexibilidade diante do qual a dinâmica das recentes interações entre sujeito e território integram a feição fraturada e dispersa de um momento histórico.

A dimensão literária da linguagem responde à sua competência e disposição para imprimir viés distinto do caráter hegemônico, afastando-se do já estabelecido para atingir um perfil de ruptura que significa outro parâmetro ético e estético, cultivando salutar dinamismo. Tal condição mobiliza o artista (escritor) a dialogar com o que há de marginal e subversivo, assumindo postura revolucionária quanto ao ofício que desempenha.

A mentalidade, comprometida em reinventar estruturas e convertê-las em "práticas sociais", potencialmente se habilita a questionar as hierarquias que ignoram diversidade e alteridade no que há de ampla intensidade nas linhas de fuga que se propagam. Renunciar ao perfil canônico e idealizado equivale a garantir condição alternativa e experimental para um enfrentamento guiado para conquistas que inexoravelmente se filiam às mudanças em processo.

Então se admite a possibilidade de propor, a partir de reflexões, críticas e indagações, uma dimensão que supere a mera individualidade para convertê-la em projeção coletiva, assegurando feição marginal, deslocada, mas sobretudo sintonizada com o fervor da fluente transformação.

Os romances de Felinto e Vidal, que ora servem como matrizes orientadoras para as reflexões e discussões tecidas ao longo desta pesquisa, privilegiam a aplicação de mecanismos literários ilustrativos da perspectiva de transgressão, relativamente às estruturas hierárquicas e hegemônicas, traduzindo-se em atos de linguagem identificados com a noção de deslocamento e estranhamento que a literatura contemporânea atesta com viés de ressignificação.

O status que a língua assume em ambos os romances confere nível de despojamento característico de uma condição "menor", subvertendo a sofisticação e o artificialismo para garantir a plenitude do seu conteúdo crítico convertido em dimensão estético-ideológica. A extensão e a intensidade do teor literário não se limitam a condições específicas do domínio artístico, mas se dispõem a um efeito mais abrangente enquanto "máquina" de expressão, superando o estágio da individualidade para aliar-se à dimensão social compondo uma plataforma de maior complexidade.

O texto literário, além de uma proposta estética, responde pelo compromisso crítico de potencial coletivo que ativa e amplia articulações entre as instâncias materiais e comportamentais, cujas experiências reais se fundem e confundem com o caráter criativo que fundamenta a ficção, preservando o seu perfil de credibilidade e autenticidade quanto às discussões e reflexões então aplicadas.

Fica patenteado que o teor e a forma literários exibidos nos romances *As mulheres de Tijucoapo* e *Algum lugar* contemplam reiteradamente a postura experimental e transgressora sublinhada pelo temperamento "estranho" e "deslocado" que caracteriza a literatura pós-moderna, valorizando e revigorando a feição contemporânea que, particularmente, compreende grande parte da produção literária brasileira.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lélia. **A solidão das mães-meninas-sem-mãe. Uma leitura de *As Mulheres de Tijucoapapo* de Marilene Felinto**. Espéculo. Revista de estudios literarios. Universidad Complutense de Madrid. 2006. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero33/html>.

ALVES, Érica Fernandes. **A ideologia de pertencimento em língua materna, de Nadine Gordimer**. Revista Estação Literária, Volume 10B, p. 9. Londrina. jan. 2013 - ISSN 1983-1048. Disponível em <http://www.uel.br/pos/letras/EL>. Acesso em 10.03.2014.

ASSARÉ, Patativa do. **A triste partida**. Regravação: LP "O Homem da Terra", RCA, 1980.

BASTOS, Dau. **A ficção feroz de Marilene Felinto: Ensaio sobre *As mulheres de Tijucoapapo***. Eutomia - Revista de Literatura e Linguística, Recife, n. 12, p. 38-63, Jul./Dez, 2013. ISSN 1982 – 6850.

BATISTA, Vanessa Oliveira. **O fluxo migratório mundial e o paradigma contemporâneo de segurança migratória**. Revista Versus, v.3, 2009. p. 68 – 78. Disponível em: <[www.versus.ufrj.br](http://www.versus.ufrj.br)>.

BRITO, Maria dos Remédios de. **Dialogando com Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre a ideia de subjetividade desterritorializada**. Rio de Janeiro: Alegrar, n.09 - jun/2012 - ISSN 18085148.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Ouro sobre o azul**. 9 ed. Rio de Janeiro, 2006, p. 18. (obra consultada).

CRUZ, Gisele Thiel Della. **Dissolvendo o universo masculino em impressões femininas: A narrativa de ficção de Marilene Felinto**, p. 5. VI ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, de 25 a 27 de maio de 2010. Salvador-Bahia-Brasil: Facom-UFBa.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. vol. 1. (Coleção TRANS).

\_\_\_\_\_. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia** 1. Trad. Luiz B. L. Orlandi. 34 ed. 2010 [1972].

\_\_\_\_\_. **Mil platôs**. Tradução de Peter Pal Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. Vol. 5. (Coleção TRANS).

\_\_\_\_\_. **Kafka para uma literatura menor**. Tradução e prefácio: Rafael Godinho. FFLCH-USP: Editora Assírio & Alvim, 2003.

FELINTO, Marilene. **As mulheres de Tijucoapapo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.

FELINTO, Marilene. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 8 de maio de 1998.

GONÇALVES, Lourdes Bernardes. **A linguagem como instrumento de construção da identidade em As Mulheres de Tijucopapo.** Rev. de Letras, n. 23 - Vol. 1/2 - jan/dez., 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. 2006. 102 páginas.

MACHADO, Serafina Ferreira. **A Raiva em As Mulheres de Tijucopapo: Em Busca de Identidade.** Revista Iluminart do IFSP. Volume 1, n. 3, 2009.

\_\_\_\_\_. **Identidade que (re) volta em As mulheres de Tijucopapo.** Revista de Pós-Graduação em Letras, p. 2 -UNESP - Campus de Assis, ISSN: 1984-2899. Disponível em: <[www.assis.unesp.br/miscelanea](http://www.assis.unesp.br/miscelanea)>. Acesso em 15.03.2014.

NASCIMENTO, Milton. **Encontros e Despedidas.** Rio de Janeiro: Gravadora/Fabricante/Selo: Barclay/Polygram Formato: LP/12 polegadas, 1985.

SANTOS, Carmen Sevilla Gonçalves dos. **As Mulheres de Tijucopapo e A Hora da Estrela: os entre-lugares onde Rísia e Macabéa (não) se encontram.** Universidade Federal da Paraíba. Doutoranda em Letras/Universidade Federal de Pernambuco.

SANTOS, Milton. **O retorno do território.** In: OSAL: Observatório Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun.2005-). Buenos Aires: CLACSO, 2005-. -- ISSN 1515-3282.

SCHMIDT, Simone Pereira. **De volta para casa ou o caminho sem volta em duas narrativas do Brasil.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 32. Brasília, julho-dezembro de 2008, p. 21-30.

SCHOLLHAMMER, Karl Erick. **As práticas de uma língua menor: reflexões sobre um tema de Deleuze e Guattari.** Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2009/12/.pdf>>. Acesso em: 16.04.2015.

URBANA, Legião. **As quatro estações,** 1998.

VIDAL, Paloma. **Algum Lugar.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

VIEIRA, Solange Kate Araújo. **As mulheres de Tijucopapo: A escrita da dor.** Rev. de Letras, n. 23 - Vol. 1/2 - jan/dez., 2001.